

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Educação – Conhecimento e Inclusão Social

Celsa Mércia Hinaundipula dos Santos

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES SOBRE ALUNOS
ADOLESCENTES: um estudo na escola Sagrada Esperança da cidade de Cabinda-
Angola

BELO HORIZONTE

2015

Celsa Mercia Hinaundipula dos Santos

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES SOBRE ALUNOS
ADOLESCENTES: um estudo na escola Sagrada Esperança da cidade de Cabinda -
Angola.

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação – Conhecimento e Inclusão Social- da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (Fae/UFMG), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Martins Assis

Linha de pesquisa: Psicologia, Psicanálise e Educação.

BELO HORIZONTE

2015

À minha família,
Lucas Chiloia, Jucilina Chiloia e Guiomar Pahevela
À minha Mãe Hilária Ndalinosiso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pai da Consolação que, em todos os momentos, esteve presente em minha vida.

Agradeço à minha orientadora Professora Raquel Martins de Assis que me impulsionou para que eu não desistisse, dando-me força, esperança e, acima de tudo, acreditando na minha capacidade de terminar o nosso trabalho. Ela foi muito importante para o sucesso desta pesquisa, me ajudando sempre no que eu precisei. Muito obrigada, de todo o coração, minha mãe.

Os meus agradecimentos vão para o Lucas Chiloia, meu esposo, que teve que ser pai e mãe das nossas filhas, na minha ausência. Ele esteve sempre ao meu lado durante a minha formação.

A toda a minha família: Hilaria Ndalinosiso, pelo ensinamento; aos meus irmãos Santocas, Vadinho, Chandu, Cuca e Maguita, pelo apoio incondicional, pelo carinho e respeito dedicados a mim. Às minhas tias Julieta, Felisbela, Madalena, e Antonia; a todas minhas primas, pelo incentivo.

Aos casais Neto e Sandra, Zeca e Sandra e André e Lúcia pelo ombro amigo que me dispuseram. Obrigado por tudo.

Ao pastor Amadeu, ao pastor Marcelo, muito obrigado por tudo.

Ao Prof. Dr. Sita Gomes pelo incentivo apoio e disponibilidade. Professor nos momentos mais difíceis da minha formação, Professor Sita não deixou de acreditar no meu sucesso: gratidão eterna.

À Universidade Onze de novembro – Angola e ao Programa de Pós-Graduação em Educação: conhecimento e inclusão social/UFMG, por terem acreditado no Convênio. Os nossos agradecimentos aos professores da Faculdade de Educação da UFMG: Maria de Fátima Cardoso Gomes, Maria Isabel Antunes e Maria Cristina Gouvea.

Ao pessoal da Secretaria da Pós Graduação, especialmente Rosemary da Silva Madeira: - Querida, obrigada pela atenção e pela disponibilidade!

Ao pessoal da Biblioteca, principalmente Marli: - Amiga, obrigada!

Os meus agradecimentos mais que especiais à nossa turma de seminário especializado. Aos nossos professores, pelos ensinamentos, apoio, e por acreditarem que podíamos fazer bem o nosso trabalho. Aos colegas da turma de Representações Sociais pelos momentos inesquecíveis que jamais sairão da minha memória.

Os meus agradecimentos também à Direção da Escola Sagrada Esperança por permitir a realização da nossa pesquisa. Gratidão aos professores que participaram da pesquisa: - muito obrigada!

Os meus agradecimentos aos meus colegas angolanos pelo apoio e carinho prestados, em especial: Ana, minha comadre, Albertina, Inês, Ndombele, Chocolate, Paka, Lelo, meu kamba Silvestre, Zinga. Obrigado especial pela força que vocês me

deram ao estarem comigo nos momentos cruciais da minha pesquisa. Companheiros, vocês foram muito importantes na minha vida. Obrigada!

À minha família em Belo Horizonte: Isis e a sua família; às minhas companheiras de residência: Natiel, Izadora, Juliana, Vanessa, Chocolate Brás, Guilherme. Que Deus cuide de vocês.

Os meus agradecimentos ao grupo das mães que lamentam unidas na oração para igrejas e nações.

Também agradeço ao pessoal do Centro Nacional de Oncologia: Dr. Simão, Dr. Fernando, Dra. Vunda; ao pessoal da Enfermagem, minhas amigas: muito obrigada.

RESUMO

Essa pesquisa tem como objeto de estudo as representações sociais de professores do Ensino Básico de uma escola de Cabinda/Angola, sobre alunos adolescentes. Esta pesquisa está fundamentada na teoria da Representação Social de Serge Moscovici, segundo a qual a representação social retém o poder de organizar, de unir e de filtrar o que vai ser reintroduzido e reaprendido no domínio das experiências e condutas das pessoas durante a vida cotidiana. Moscovici (1961) estabeleceu a representação social como uma construção da pessoa, com origem social e destino social. No caso desta pesquisa, podemos observar que a elaboração das representações sociais decorre de um fenômeno de interação, pois elas são construídas na/pela relação entre professor e aluno. Daí o interesse em saber como se dão estas representações de professores que trabalham com alunos adolescentes, analisando como eles pensam, sentem e agem em relação aos seus alunos. No trabalho com essas representações, podemos encontrar as inclinações dos professores quando analisam o processo de interação social entre eles e seus alunos. Cinco sujeitos participaram da pesquisa, sendo utilizados os seguintes instrumentos: um questionário, uma entrevista semi-estruturada e uma redação com o tema “Adolescência”. A análise dos dados coletados demonstrou que as representações sociais dos professores sobre alunos adolescentes estão relacionadas a três tipos de conhecimento: os saberes tradicionais, a formação acadêmica e o contexto denominado pelos sujeitos de “a rua”, ou seja, o conhecimento aprendido no dia-a-dia das interações sociais. As representações ligadas aos saberes tradicionais destacam o filho que se tornou homem ou a filha que se tornou mulher, sem especificar um tempo prolongado para essa transformação. Um segundo grupo de representações está relacionado à formação acadêmica, realizada pelos professores em seus cursos de formação, ou adquirida nos livros. Nesse segundo grupo, encontramos as representações da adolescência como fase difícil e agitada, mas também como um bom período, já que, neste período, o indivíduo está mais aberto e é capaz de assimilar melhor os aprendizados. A própria experiência e as interações ocorridas no cotidiano também são apontadas pelos docentes, como uma fonte de onde provêm seus conhecimentos sobre alunos adolescentes. Por fim, foi possível relacionar essas representações com as práticas pedagógicas elaboradas por esses professores.

Palavras-Chave: Representação Social, Adolescência, Professor.

Abstract

This research aims to study the social representations about adolescent students made by elementary school teachers at a school in Cabinda, Angola. It is based on the theory of Social Representation by Serge Moscovici, which states that social representation holds the power to organize, unify and filter what will be reintroduced and re-apprehended in the realm of people's experiences and behaviors along everyday life. Moscovici (1961) established the social representation as a person's construction with social origin and social destination. In this research, we can see that the development of social representations arises from a phenomenon of interaction, because they are built in and by the relationship between teachers and students. Therefore, this is the interest in knowing how these representations are carried out by teachers that work with adolescent students and analyze how they think, feel and act in the relationship with their students. Then, working with these representations, we can find the teachers' disposition when they analyze the process of social interaction between themselves and their students. Five people participated in the study and these were the tools used: a questionnaire, a semi-structured interview and an essay on the theme "Adolescence." The data analysis showed that teachers' social representations about teenagers students arise from three types of knowledge: traditional knowledge, academic background and the context named by these teachers as "street knowledge", which is the knowledge learned in daily social interactions. The representations related to traditional knowledge highlight a son who turns into a man or a daughter who becomes a woman, without specifying any extended time for this transformation. A second group of representations is related to the academic background acquired from teacher training courses or from books. In this second group, we find the representations of adolescence as a difficult and hectic phase as well as a good period, due to the fact that in this period of time, the individual is more receptive and able to better assimilate what is to be learned. The experience itself and the interactions that occur in everyday life are also identified by teachers as a source on their knowledge on adolescent students. Finally, it was possible to link these representations to pedagogical practices developed by these teachers.

Key words: Social representations, adolescence, teacher

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPITULO 1. O QUE AS TEORIAS DIZEM SOBRE A ADOLESCÊNCIA.....	13
1.1. Escola e a adolescência	20
CAPITULO 2. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO MARCO TEÓRICO....	29
2.1. O contexto da pesquisa: o sistema angolano de ensino e a escola pesquisada	32
2.2. Procedimentos da pesquisa	37
CAPITULO 3: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE ADOLESCENTES E ALUNOS ADOLESCENTES.....	40
3.1. Quem são os professores pesquisados?	40
3.2. Como os adolescentes são nomeados pela tradição	41
3.3. O que os professores sabem sobre a adolescência	55
CONCLUSÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objeto de estudo as representações sociais de professores do Ensino Básico de uma escola de Cabinda/Angola, a respeito da adolescência e dos alunos adolescentes.

Em Angola o professor tem desempenhado um papel fundamental na escola, no seio da família e na sociedade em geral, pois se acredita que o professor é o elo entre estes grupos sociais (família, escola e sociedade). Muitas vezes, quando os pais não conseguem lidar com seus filhos, procuram o professor para ajudá-los devido à autoridade que ele representa na nossa sociedade. Assim, o professor é uma figura respeitada, admirada, muito considerada pelos pais dos seus educandos, muitas vezes tornando-se alguém que participa das relações familiares.

Esta relação, em parte, ultrapassa o âmbito da sala de aula. Por isso, os docentes podem ser vistos como fazendo parte de uma determinada família. Assim, nas festividades familiares, a presença do professor pode ser inquestionável, já que ele é visto como uma figura central para o desenvolvimento e crescimento dos filhos até atingirem a idade adulta. Entretanto, nem todos os professores têm a admiração dos pais dos seus alunos, muito menos o carinho dos adolescentes. Isso irá variar de professor para professor e dependerá de seu interesse pelos alunos, assim como de sua compreensão sobre os momentos específicos de vida das crianças e adolescentes. Os professores mais queridos por seus alunos e pelas famílias são aqueles que apresentam maior desenvoltura com estes adolescentes. Devido à centralidade do professor na sociedade angolana e como guia de crianças e adolescentes, esta pesquisa aborda a relação professor/aluno, questionando representações sociais de professores que trabalham com alunos adolescentes.

Pela experiência que tenho com alunos adolescentes e pelas observações feitas, verifico que trabalhar com estes sujeitos é mais complicado do que parece. Isto porque o professor, além de lecionar as suas aulas, terá que levar em conta as particularidades dos seus educandos. Conhecer as particularidades da adolescência pode levar os professores a conhecerem melhor os seus alunos e a abrir-se para os sujeitos que passam por esta etapa específica da vida. Desse modo, ser professor diante do aluno adolescente envolve: conhecer as suas particularidades, compenetrar no mundo deles, interessar-se pelas coisas que eles gostam e pelos assuntos que lhes interessam. Como educador, é preciso que se tenha consciência de que a maneira de se relacionar com a realidade está

presente em mim e também no meu aluno. Nesse sentido, quando estão em sala de aula ou em qualquer ambiente educacional, professor e aluno são mais do que aquele momento de ensino e aprendizagem, pois são dotados de histórias e levam consigo acontecimentos aprendidos ao longo da vida e formas de se relacionar com as pessoas (Assis, 2008).

Assis (2008) afirma que o professor deve estar atento para os aspectos da tradição de cada pessoa, bem como para a tradição dos conteúdos trabalhados em disciplina e da própria instituição educativa na qual está inserido. Isto para explicar que a forma como cada professor trabalha, a maneira como leciona as suas aulas, a forma de se relacionar com os adolescentes, podem fazer com que um aluno sinta mais facilidade ou não por uma determinada disciplina. É comum também que os adolescentes passem a gostar de um conteúdo escolar, se simpatizam e constroem vínculos de confiança com o professor. Mesmo a segurança que o professor demonstra no domínio dos conteúdos escolares, é importante para o relacionamento que se firma entre aluno/professor.

Na maior parte das vezes as representações sobre professores, alunos adolescentes e conteúdos escolares são inconscientemente assumidos pelos professores e pelos alunos. Alunos, assim como o aluno adolescente, podem ser representados como um mundo constituído, e não um mundo em processo de construção. Circulam, no espaço escolar, saberes constituídos sobre a compreensão do que é o processo pedagógico e do que é o próprio adolescente, muitas vezes, visto como alguém que já está pronto e que mais nada existe de novo que possa ser inventado por ele.

Na escola Sagrada Esperança, em Cabinda/Angola, tenho, por vezes, deparado com situações de agressividade, intolerância, violência física e verbal entre adolescentes ocorridas dentro e fora de sala de aula. Quando isso acontece, nós, professores, podemos pensar que os adolescentes parecem exageradamente voltados para si mesmos, não aceitando repreensões por parte dos adultos e respondendo de forma agressiva às relações de autoridade. Na nossa forma de ver, o adolescente parece ficar em uma grande confusão de identidade porque ele não é ainda um adulto, mas também não é mais uma criança. Do ponto de vista das teorias psicológicas, isso se explica, porque a adolescência é:

uma etapa de desenvolvimento especialmente vulnerável, marcada por intensas mudanças biológicas, cognitivas, emocionais e sociais, ou seja, um período no qual vulnerabilidade (respostas mal adaptadas às situações adversas) aparece como uma característica que precisa ser levada em conta. (SANTOS, 2008, p. 104).

Desse modo, uma hipótese sobre o aluno adolescente é que ele é vulnerável¹, devido à fase pela qual está passando. Nesta situação, fica agressivo e responde à autoridade de forma violenta, muitas vezes por achar que não está sendo compreendido e que o limite dado pelo professor é uma afronta ao seu eu. A realidade da agressividade na adolescência, em Angola, é um fato preocupante e atual, que engloba as relações entre professores e alunos². Entretanto, atualmente, a Psicologia já acredita que a adolescência não precisa ser, necessariamente, um período de vulnerabilidade ou de problemas com a autoridade.

É comum, também em Angola, que muitos pais ou encarregados³ de educação acreditem que as pequenas confusões entre adolescentes são normais e que têm de acontecer nesta fase da vida. Outros acham que é necessário que aconteça a agressividade na adolescência para que haja crescimento ou amadurecimento. Para outros encarregados, ainda, não é normal o fato de seu filho aparecer com um arranhão, uma mordidinha, o arrancar de um brinco, o puxar de cabelos. As brincadeiras fora do comum, não são aceitas por todos os pais, que procuram informações da escola e acreditam ser necessário um esclarecimento da escola dando uma justificativa pelo acontecido.

Enfim, o que podemos perceber é que o professor de hoje está diante de novas exigências do ensino. Estas novas exigências estão relacionadas às práticas e métodos que os professores devem adotar com alunos adolescentes, considerando as melhores formas de lidar com eles no papel de educador. Daí a importância de o professor conhecer melhor a adolescência.

Diante deste quadro, as questões colocadas para esta pesquisa são: qual a representação que o professor tem do aluno adolescente? Essas representações têm facilitado ou dificultado o diálogo entre professores e adolescentes? De onde vêm os conhecimentos que os professores possuem sobre adolescência?

¹Vulnerabilidade aparece como uma característica que precisa ser levada em conta no encontro com os adolescentes e que não deve provocar escândalo nos adultos, mas sim a compreensão de que a pessoa está em caminho, em desenvolvimento, adquirindo sua formação humana.

²Em Angola, a agressividade, dentro da escola, geralmente acontece entre os adolescentes e não com o professor. Entretanto, os professores têm tido dificuldade de mediar os conflitos quando eles ocorrem.

³Em Angola o termo encarregado explica-se pelas famílias alargadas em que muitas crianças não vivem com os seus progenitores, mas com os tios, tias avôs etc.

Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa foi investigar as representações que os professores têm sobre o seu aluno adolescente, de 12 a 16 anos de idade. São objetivos específicos: descrever que significados são atribuídos ao adolescente; identificar de onde se originam os conhecimentos que os professores possuem sobre adolescência; problematizar a adolescência como um tema a ser debatido no âmbito da educação.

Esta dissertação é constituída por três capítulos. O primeiro, intitulado “*O que as teorias dizem sobre a adolescência*” traz um estado da arte sobre a adolescência, enfocando, em primeiro lugar, definições e conceitos sobre adolescência/adolescente. Em seguida, como o objeto da pesquisa é a representação social que os professores fazem do aluno adolescente, tratamos da relação professor/aluno adolescente, considerando de que modo as representações sociais podem estar presentes e determinar formas de sentir, pensar e agir em sala de aula.

O segundo capítulo apresenta o método da pesquisa e seus procedimentos. Assim, tratamos da teoria da representação social de Serge Moscovici. Além disso, este capítulo oferece também uma descrição do sistema educacional angolano e da organização escolar na qual estão inseridos os professores desta pesquisa, bem como seus alunos. O objetivo dessa descrição é localizar os professores pesquisados em seus contextos.

O terceiro capítulo descreve os resultados da pesquisa, evidenciando três aspectos: a. A existência de palavras que podem designar adolescência nos dialetos tradicionais, verificando o significado desses termos; b. O entendimento de que a adolescência é uma fase difícil devido às diversas mudanças físicas e psicológicas que ela encerra; c. As formas como os professores pensam e organizam suas aulas a partir das representações sobre o aluno adolescente.

Por fim, apresentamos as nossas considerações finais.

CAPÍTULO 1. O QUE AS TEORIAS DIZEM SOBRE A ADOLESCÊNCIA.

A adolescência pode ser vista como uma passagem da infância para o mundo adulto, passando por momentos significativos na vida de uma pessoa. A palavra adolescência deriva do verbo latino ADOLESCERE que significa crescer até a maturidade. Muss (1976, citado por Martins e Trindade, 2003), aborda a adolescência como um período de transição no qual o indivíduo passa por situações que jamais viveu: uma época que traz uma “nova roupagem” que ajusta os dois comportamentos: da infância e da adultez. (Martins e Trindade, 2003).

A adolescência começa por volta dos 10 anos e pode ter seu término entre 19 ou 20 anos de idade (Lipp, 2010). Pode ser entendida como:

Uma etapa do desenvolvimento humano, a partir do ciclo vital, caracterizada por diversas mudanças físicas, psicossociais e culturais, que podemos compreender não como um devir, mas sim como uma etapa importante do desenvolvimento da pessoa, em toda a sua dinâmica (GROPPO, 2000 citado por SANTOS, 2008).

A puberdade é o processo biológico que produz o início da adolescência à fase reprodutiva da vida. Nesta transição começam a aparecer as primeiras transformações do corpo, constituídas por características primárias e secundárias (ELLIS, 2004, citado por Ana Bambi e Celsa Santos, 2007).

Os sinais secundários que aparecem na puberdade são: peso, altura, crescimento dos seios, entre outros. Para os meninos, o engrossamento da voz, crescimento da barba. Para as meninas, aparecimento dos seios, a curvatura e volume das nádegas, entre outros, são sinais biológicos claros do fim da infância, em que contam também as mudanças neurológicas.

O sinal mais visível da puberdade é o estirão de crescimento, caracterizado por rápido crescimento esquelético. Nas meninas o início da menstruação e a secreção normal do desenvolvimento dos ovários, útero e vagina. Enquanto que nos meninos se dá o desenvolvimento dos testículos e pênis, que passa pela espermarca ou a chamada primeira ejaculação.

A produção de hormônios é feita pelos testículos e pelos ovários. Com isto aparece o desenvolvimento das características secundárias sexuais, como os pelos pubianos, pelos faciais, seios etc. Na puberdade, o desenvolvimento da estrutura

corporal pode ser muito rápido ou ocorrer tardiamente, marcando diferenças entre adolescentes de uma mesma idade. A maior parte dos meninos adolescentes apresenta o estirão de crescimento com tendência de os rapazes serem ligeiramente mais altos do que as meninas, mas não é uma fórmula exata, pois, não sendo uniforme, por vezes, acontece o contrário (Abell e Richards, 1996, citados por Ana Bambi e Celsa Santos, 2007).

Estas mudanças interferem subjetivamente, porque o indivíduo por vezes pode recear estar perto dos adultos, já que se sente diferente com o desenvolvimento das características secundárias. Os adolescentes nem sempre recebem bem as transformações físicas trazidas pelas mudanças do corpo e podem sentir-se constrangidos perante as pessoas. As mudanças corporais são uma novidade com a qual o adolescente terá de conviver. Diante das mudanças, os adultos podem fazer comentários desagradáveis, falando do que está grande, desajeitado, no corpo ou em desenvolvimento.

Assim, a adolescência à primeira vista é muito caracterizada pelo fator idade e pelas transformações corporais, mas as mudanças biológicas são acompanhadas de significados elaborados sociohistoricamente. Cada pessoa tem uma história de vida a ser retratada independentemente de quem seja, mesmo porque as mudanças biológicas acompanham também as mudanças de papéis e de identidade (Martins e Trindade, 2003). Muitos desses papéis são determinados e atribuídos pelos adultos (pais ou encarregados de educação, professores e outros agentes de socialização), sendo possível atribuir aos adolescentes algumas tarefas, o que não era possível na infância.

Desse modo, todo adolescente tem que passar por esse período, muitas vezes entendido como uma transição da infância à idade adulta, momento em que ele desenvolve o seu próprio projeto, nova maneira de viver com os seus familiares, novos papéis sociais, etc. Nessa transição alguns aspectos da infância são mantidos, mas se desenvolvem de acordo com as investidas pessoais (Baumrind, 1975).

Aberastury, citada por Witter (2010), afirma que a adolescência está caracterizada por vivências significativas como perda do corpo de criança, perda dos pais da infância, perda da identidade infantil entre outros (Socci, 2010). Ao mesmo tempo em que se perdem algumas características da infância, ganham-se outras da fase da adolescência, constituindo-se em um processo natural de perdas e ganhos.

A sexualidade nessa faixa etária começa a dar os seus primeiros passos, compreendendo a iniciação sexual que leva à sexualidade na idade adulta. O

adolescente começa a investir na vida sexual criando jogos de sedução, paqueras e conquistas. Pode “ficar” ou namorar e chegar ao intercurso sexual propriamente dito (Lipp, 2010). Cada atributo ou denominação tem as suas características baseadas no que vai acontecer, dependendo da aproximação entre os jovens.

A adolescência é considerada também como a fase de passagem de um círculo social restrito para um mundo mais diversificado, no qual as responsabilidades são maiores. A família é a primeira instituição onde se inicia o processo de criação dos hábitos, valores, caráter e comportamentos. Mas quando o adolescente faz a passagem para a vida adulta, ele deve fazer uma síntese entre o que recebeu da família, novos valores construídos e o que lhe espera na sociedade.

Nessas mudanças, os adolescentes descobrem os próprios limites, questionam os valores e as normas sociais. Ao mesmo tempo, adere aos valores dos grupos nos quais vai se enquadrar, conforme a sua conveniência. Assim, simultaneamente, surgem as identidades individual e grupal. Para Santos (2008), as diversas mudanças podem se expressar em vulnerabilidades, característica que precisa ser levada em conta no encontro com os adolescentes e que não deve provocar escândalos nos adultos. Pelo contrário, deve-se compreender que a pessoa está a caminho, em desenvolvimento.

Assim, a adolescência, além de ser um período de grandes mudanças físicas, é considerada também um fenômeno psicossocial. O ambiente social está presente e começa a atribuir aos adolescentes tarefas e responsabilidades que não são pedidas à infância como ir buscar o irmão mais novo na escola, organizar o quarto, cozinhar, entre outras coisas. Por isso deve-se levar em conta a interação do adolescente com seu meio social.

O psicossocial também é levado em consideração quando abordamos a puberdade, tardia ou precoce, interrogando as inquietações deste período: quem mais sofre? Menina? Menino? Qual o efeito mais penoso? Estas questões são inerentes a estes dois campos: o psicológico e o social, que andam juntos. Podemos pensar que a adolescência é um período desconfortável e agradável ao mesmo tempo, porque é preciso viver tudo que vem dela.

Levando em consideração os impactos psicossociais do desenvolvimento humano, a adolescência passa a ser compreendida como um período psicológico mais amplo do que a transição entre a infância e a fase adulta. Nesse período está em evidência a forma de o adolescente viver a vida, ao lado da família ou sem ela. Um período de construção mais ativa de história de vida, em que são elaborados os

elementos para a formação do indivíduo. O adolescente, neste processo, é o convidado de honra, não convidado como coadjuvante, mas participando, com dinamismo, da construção de um projeto social seu. (Thomas, 1968, citado por Martins e Trindade, 2003).

Em termos de construção psicossocial, o adolescente faz um casamento interessante entre a interação das pessoas e o ambiente em que elas estão inseridas. Pessoas e ambientes são determinados e influenciam uns aos outros; por isso a adolescência e a juventude são vividas de diversas maneiras, de acordo com contextos culturais, sociais e pessoais, de acordo com as interações presentes onde o adolescente estiver inserido.

Segundo Santos (2008), todo adolescente carrega consigo uma grande força de desejo que gostaria de realizar na vida, mesmo que não saiba como se dá essa realização. Diante desses desejos, o autor acredita que o adolescente, assim como o jovem, pode fazer “mau uso da vida”, desgastando com isso o seu corpo e o seu tempo. Isso pode acontecer por falta de orientação por parte da família e de outros agentes que fazem parte da sociedade. Todo adolescente tem sonhos que pretende realizar, mas esperam que os adultos possam lhes indicar caminhos. Esperam também que os adultos os ajudem a entender se este caminho é complexo ou não (Santos, 2008, p.112). Assim, para o autor, os adultos devem estar sempre perto dos jovens, de forma a acompanhar o seu desenvolvimento.

Neste projeto de construção de si, levado adiante pelos adolescentes, estão em jogo a identidade, a sexualidade, o grupo de amigos, os valores, as experiências vividas e por viver. Novas experiências são chamadas a comparecer nesta etapa da vida dos adolescentes: eles procuram por uma identidade, que tenha características próprias, não atribuídas pelos outros, como por exemplo, a sexualidade, debatida com clareza e sem tabus.

A sexualidade é um tema a ser tratado com toda abertura possível, pelo menos em algumas sociedades. Concretamente, em Angola não se fala abertamente sobre o assunto. Escolhe-se o lugar para debater o tema: quando um professor fala de relações sexuais ou sexualidade dentro da sala de aula, os adolescentes reagem com muita alegria, como pude observar em minha experiência como professora.

Margulis (2001), citado por Martins e Trindade diz que a adolescência tem uma forma muito peculiar de falar, de pensar, de se comportar. Por isso, podemos adotar o conceito de adolescência no plural, demonstrando que existem muitas maneiras de se

viver a adolescência. Não se pode, portanto, caracterizar a adolescência como um estágio fixo do desenvolvimento humano, mesmo porque essa fase passa e vive-se como outras etapas do desenvolvimento humano, como a idade adulta.

Alguns pesquisadores, ao longo do tempo, têm rotulado a adolescência como uma fase perturbada da vida. A perturbação ou a crise seria uma característica natural desse período. Nessa perspectiva, observam-se conceitos mais tradicionais da adolescência (Martins e Trindade, 2003). Assim, é possível dramatizar a adolescência como uma etapa problemática, contribuindo para a construção do mito da crise obrigatória entre a infância e a idade adulta.

Muitas ciências deram um contributo significativo ao estudo da adolescência, mas destacamos aqui o estudo da antropologia social, que revolucionou a forma de vermos a adolescência. A partir desses estudos, foi possível perceber que a adolescência não é, e não precisa ser um período turbulento, sendo que as características psicossociais do desenvolvimento não são universais (Martins e Trindade, 2003). Temos que compreender que adolescência não é vivida da mesma forma, em todas as sociedades. Em alguns países não é necessária uma mudança ou transição demorada; as crianças e os adolescentes assumem as suas responsabilidades assim que atingem determinada idade.

A chegada da adolescência para muitas famílias é um motivo de alegria. Em Angola, por exemplo, a chegada da adolescência é caracterizada por um período de festas culturais, como o *fiko* ou *fundula*, *chicunbi*, *circuncisão* entre outras. Estas festas simbolizam a passagem da criança para se tornar adulta, pois se espera que os adolescentes e os jovens consigam se comunicar melhor com os adultos quando crescerem.

A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano, nem pior nem melhor que outras etapas da vida. Possui as suas diferenças e particularidades como qualquer outra época da vida. Alguns adolescentes percebem bem e encaram com muita responsabilidade a tarefa de adolecer, enfrentando os novos desafios, contornando os obstáculos inerentes a essa fase (Lipp, 2010).

Na maioria das vezes, quando o adolescente é bem orientado, ele se esforça por desenvolver o positivo da vida e começa, aos poucos, a não depender mais dos adultos para amadurecer suas escolhas e preferências por companheiros ou metas importantes na vida (Lipp, 2010).

Assim desenvolve-se a identidade que Erikson (1968) definiu como uma concepção coerente do *self*, composta por metas, valores e crenças, nas quais o indivíduo solidifica os conhecimentos acumulados durante o tempo da adolescência. O desenvolvimento cognitivo dos adolescentes lhes possibilita construir uma “teoria do *self*” (Elkind, 1998), ou seja, teorias sobre si mesmo, sobre a própria individualidade, singularidade e particularidade.

Elkind (1998) afirma que o esforço de um adolescente para compreender a si mesmo “não é uma espécie de enfermidade do amadurecimento”, pois faz parte de um processo saudável e vital, fundamentado nas realizações das etapas anteriores no que diz respeito à confiança, autonomia, iniciativa e produtividade, e lança consigo os alicerces para lidar melhor com os desafios da vida adulta. Os adolescentes, ao formarem sua própria identidade, resumem tudo aquilo que os identifica, buscando o que já tinham na infância com uma nova estrutura psicológica, maior que a soma das partes (Kroger, 1993).

Nessa construção da identidade, um aspecto importante são as representações que o adolescente tem de si mesmo. Em uma pesquisa realizada por Martins, Trindade e Almeida (2003), as autoras fizeram um trabalho de representações sociais com 360 sujeitos, com idades compreendidas entre os 14 e 23 anos de idade, que frequentavam o ensino médio de uma escola particular em um bairro de classe média alta. Na pesquisa, utilizaram como termo indutor a palavra “Adolescente”.

Os resultados sugerem inúmeras palavras ou conceitos que os adolescentes acreditavam representar a adolescência: alegria, por exemplo, era a que se encaixava melhor nesta faixa etária. Por isso pode-se dizer que esta palavra tem muita probabilidade de constituir o núcleo das representações sociais destes sujeitos sobre a adolescência.

A palavra alegria representava “estados de espírito” relacionados à visão do adolescente como um indivíduo cheio de vida e com bastante energia. Neste conjunto de representações, o objetivo básico da adolescência é a diversão. Os resultados da pesquisa mostraram que os adolescentes têm uma visão tradicional do que é a adolescência.

Martins, Trindade e Almeida (2003) também discutem que a forma de ser dos adolescentes muitas vezes vem do comportamento dos próprios adultos, pois eles colocam em prática tudo aquilo que lhe é atribuído. Desse modo, as representações sobre adolescência que circulam socialmente, acabam por determinar formas e modos

de os adolescentes viverem a própria adolescência. Eles vão interiorizar as diversas maneiras de ver ou caracterizar esta etapa e, muitas vezes, se comportam de acordo a como são rotulados. Como lembra Cardenas (2000), citado por Martins, Trindade e Almeida, as imagens e as expectativas sociais têm influência sobre o desenvolvimento da adolescência.

Temos que estar atentos e verificar de que forma o adolescente vive a sua adolescência, já que muitas vezes ela está ancorada nas concepções e conceitos mais tradicionais da adolescência. Isso, entretanto, não impede que assumamos diferentes configurações, corroborando assim a tendência mais recente que propõe a adolescência como uma condição historicamente construída (Martins e Trindade, 2003).

Na pesquisa de Martins, Trindade e Almeida (2003), os adolescentes da zona urbana levam em conta a curtição, a liberdade, o relacionamento afetivo e os problemas do fato de a adolescência ser um período de transição, como aspectos importantes da representação de adolescência. O discurso é dividido em dois polos: a curtição e o apoio. Isto é, ao mesmo tempo em que o adolescente precisa da liberdade para fazer o que gosta, também necessita do apoio e proteção dos adultos para se sentir seguro.

Como os próprios adolescentes evidenciam na construção de identidade, a presença de adultos é importante. Os jovens também se identificam por algumas ações feitas pelos adultos como: a escolha de uma profissão de que gosta, a adoção de valores pelos quais se sente beneficiado e o desenvolvimento de uma identidade sexual satisfatória (Kroger, 1993). A relação entre adultos e adolescentes, entretanto, nem sempre é fácil, pois são duas gerações diferentes. O adulto pode estar em vantagem e colocar a sua experiência já vivida, esquecendo-se de que o adolescente precisa viver também a sua época e o seu momento.

De fato, nesta relação entre adultos e adolescentes têm acontecido pequenas tensões, principalmente conflitos entre pais e filhos, que podem criar certa distancia entre as duas gerações. Com o tempo, esta turbulência pode desaparecer dando lugar a uma relação igualitária com menos tensões do que no início do período da adolescência. Assim, é comum o filho que não obedece e o pai que fala, mas sem sucesso: uma água, outro azeite. Entretanto, Steinberg (2001, *apud* Lipp, 2010) nos mostra que três em cada quatro adolescentes não provocam crise na família. Assim, tomando o conceito de adolescências, não podemos generalizar, pois cada adolescente é um adolescente, com hábitos diferentes, educação diferente, entre outros aspectos.

1.1. Escola e a adolescência

Para o adolescente, a escola não é só um conjunto de salas de aula onde os alunos se sentam esperando o professor em silêncio. Esse tipo de relação baseada na autoridade do professor sobre o aluno não é mais a marca do mundo contemporâneo. Atualmente, o ensino é bilateral. Muitas vezes o professor coloca um assunto em pauta e os alunos já têm conhecimento do assunto, talvez lhes falte alguns esclarecimentos sobre o tema em questão. Assim, o professor desempenha um papel de líder pedagógico, dentro da sala de aula, como moderador principal dos conteúdos a serem transmitidos aos alunos.

Pace e Hemmings (2006), citado por Alarcão (2011), ao analisar as teorias sobre a relação entre professor e seus alunos, constataram que a própria noção de autoridade por vezes é tomada como um problema, pois a ausência de conceitos de democracia em sala de aula ou autoridade excessiva pode desencadear no abuso de poder do professor. Logo, o diálogo permanente com os alunos é importante, para que estes conceitos não sejam confundidos em sala de aula. O professor deve sempre optar por um estilo de liderança que, em sala de aula ou em conversa com os seus alunos, possa trazer respostas adequadas às necessidades dos seus alunos, no intuito de conquistá-los no projeto de ensino e aprendizagem, já que a mobilização é a primeira meta pedagógica.

Segundo Metz (1978), citado por Alarcão (2011) a mobilização dos alunos exige que eles compreendam o projeto de aprendizagem e o sentido do mesmo. Para que este processo se construa é necessário que os alunos também colaborem para a construção de um clima positivo em sala de aula. Desse modo, a sala de aula não é só o local em que se ensinam as matérias programáticas, mas também o espaço em que se busca entender as necessidades dos alunos.

A sala de aula é um meio social intenso no qual estão expostas as habilidades dos jovens esperando ser estimuladas para que eles descubram as suas potencialidades e interesses dentro da sala de aula. O objetivo do ensino é ser criativo e despertar no aluno o desejo da aprendizagem, pois se o adolescente não se envolve, é impossível qualquer construção do saber.

A educação dos adolescentes e a relação com a escola têm sido alvo de muitos debates e pesquisas nas áreas de educação. Discute-se o que se espera do jovem de hoje e o que a escola tem para oferecer a estes jovens de modo geral. Dayrell (2007)

questiona as tensões e ambiguidades vivenciadas pelos jovens e afirma que a sociedade escolar leva pouco em conta a condição juvenil. Neste caso é necessário salientar que, ao refletir sobre os jovens, o autor considera principalmente uma parcela da juventude que, majoritariamente, frequenta a escola pública. Um grande número deles vive em periferias dos grandes centros urbanos, marcados por um contexto de desigualdade social (Dayrell, 2007).

É importante situar o lugar social em que estes jovens se encontram, pois muitas vezes o contexto dos adolescentes não favorece o seu percurso na escola, por diversos motivos, que vão determinar limites e possibilidades interferindo na condição juvenil. O ambiente local dos jovens por vezes não oferece moradias adequadas e as condições de vida são duras e difíceis. Assim, também em Angola a situação dos adolescentes difere muito dependendo do local onde eles vivem. Adolescentes de baixa condição social, por exemplo, costumam desistir muito cedo da escola, por acreditarem que estudar não é para todos. Começam a trabalhar para ajudar os pais e não continuam os estudos. Já os de maior condição econômica preocupam-se mais com a questão dos estudos. São educados para ser alguém na vida, melhores que os seus pais. Algumas famílias mandam os filhos para fora do país, a fim de receberem melhor formação acadêmica.

Mas como em tudo existe exceção, os adolescentes e jovens de camada social baixa têm dado muitos exemplos de superação, destacando-se, algumas vezes, como os melhores alunos nas escolas.

A sociedade tem um grande papel na inserção destes jovens na escola, pois muitos deles acham que estudar é perda de tempo. O futuro, para eles, está na rua, ou seja, é possível ganhar dinheiro na marginalidade ou na participação em atos infracionais. Nessa perspectiva, as associações educativas para jovens desempenham um papel importante na inserção escolar do adolescente e do jovem que tenta garantir sua sobrevivência em uma tensão permanente entre a busca pela gratificação imediata e um projeto futuro (Dayrell, 2007).

No cotidiano da escola, os adolescentes e jovens levam consigo o conjunto de experiências sociais vividas nos mais diferentes tempos e espaços, constituídas em determinadas condições, que vão influenciar as experiências escolares. Pode-se afirmar que a escola apresenta uma variedade de dimensões acompanhadas de um conjunto de regras e normas a serem seguidas pelos alunos. As relações entre alunos adolescentes e jovens e o corpo docente são construídas de forma recíproca. Os processos vividos entre o sujeito e as instâncias escolares são heterogêneos. Nessa perspectiva, a realidade

escolar aparece mediada, no dia a dia, pela apropriação, elaboração ou reelaboração expressas pelos sujeitos sociais, fazendo da instituição educativa um processo permanente de construção social (Dayrell, 1996; Abrantes, 2003).

Os espaços juvenis são marcados pela construção de sentidos próprios, de maneira que a existência destes lugares possa fluir na vida dos adolescentes, sendo o suporte e a mediação das relações sociais aí ancoradas na memória individual e coletiva. Atualmente, é possível perceber formas diferenciadas de viver o relacionamento com o tempo e com o espaço: nas instituições escolares, por exemplo, o tempo é marcado por horários, calendários e pela pontualidade (Dayrell, 2007).

Assim adolescentes e jovens se tornam alunos em um processo que interfere na condição juvenil, daí advindo relações de gerações, com diferentes formas de ver a geração antiga e a nova, com representações que podem surgir a partir de determinantes culturais, sociais e escolares. Na forma como adolescentes e jovens vêm se constituindo como aluno, reside um dos grandes desafios na relação com a escola, colocando em questão velhos modelos, com novas tensões e conflitos.

Dubet, citado por Dayrell (2007), afirma que se tornar aluno já não significa tanto submissão a um modelo prévio preconizado pela escola. Ao contrário, consiste em construir sua experiência como tal e atribuir um sentido a esse trabalho. Enfim, os jovens devem construir sua integração em uma ordem escolar, achando em si mesmos os princípios da motivação e os sentidos atribuídos à experiência escolar:

O cotidiano escolar torna-se um espaço complexo de interações, com demarcações de identidades e estilos, visíveis na formação de diferentes grupos. Desse modo, a escola surge como um espaço de interação entre vida escolar e não escolar, como uma comunidade de jovens que trocam e reconhecem as relações entre as pessoas. Esta interação ou sociabilidade que acontece no espaço físico são apropriadas e reelaboradas pelos alunos, ganhando novos sentidos.

A sala de aula também se torna um espaço onde é visível a tensão entre o ser jovem e o ser aluno. Nesse cotidiano, o jovem aluno vivencia sua subjetividade por meio de interações, posturas e valores que orientam os seus grupos. Assim, o adolescente ou o jovem vivencia ser ele mesmo, ser aluno, com deveres a cumprir em sala de aula, sem colocar de lado o seu grupo, que também tem as suas normas. Dentro da sala de aula, é possível encontrar muitos grupos e cada um possui seu estilo, gosto, assuntos em debate, enfim, muitas tendências.

Como a escola vem ganhando cada vez mais espaço como lugar de socialização para adolescentes e jovens, e cada vez mais relevância como parte integrante da construção de projetos de vida desses sujeitos, ela não pode se limitar a desenvolver apenas os conteúdos cognitivos. Os professores precisam também tentar amadurecer os jovens de forma geral e contribuir para a construção das dimensões éticas.

Ainda falta capacitar os professores que trabalham com esses sujeitos. Necessita-se de uma formação mais adequada, capaz de proporcionar uma aprendizagem, no contexto escolar, na qual são formadas as competências e habilidades dos jovens.

As mudanças na sociedade estão ocorrendo em ritmo muito acelerado, especialmente no que diz respeito às novas tecnologias. Adolescentes e jovens estão muito integrados a elas e usam ativamente as novas tecnologias para se comunicarem e se informarem sobre o mundo, incluindo aí os conteúdos escolares.

As mudanças físicas, cognitivas, afetivas, espirituais e sociais dos adolescentes podem ser de difícil entendimento para alguns professores. Assim, lidar com eles em sala de aula se transforma num embate estressante para ambos (Helga Reinhold, 2010). Os professores se queixam constantemente da falta de atenção dos alunos em sala de aula. Acreditam que a falta de compromisso e o desinteresse dos adolescentes leva à indisciplina. Por consequência não há compreensão entre professor e aluno. Rapidamente, o professor entra em desânimo, originando um círculo vicioso. O aluno por sua vez, entrado também no círculo vicioso, pode não dar nenhum interesse às atividades exigidas dentro da sala de aula, recusando-se a participar. Torna-se um aluno ausente. Na sala de aula, ele faz outras coisas como conversar, explorar o celular ou estar na internet.

Quando a recusa acontece de ambos os lados, o professor perde o seu foco e as aulas se transformam, cada vez mais, numa mera formalidade sem sentido e sem motivação. Tudo fica por conta do planejamento, não se concretizando o objetivo da educação. A educação deve ajudar o aluno a adquirir conhecimentos que serão aplicados ao longo da vida. Esses conhecimentos, no entanto, precisam ser entendidos e adquirir sentido como instrumentos transformadores na vida educacional (Biller, 2005, *apud* Alarcão, 2011). O adolescente veicula saberes, nos quais vê sentido. O valor desses saberes será avaliado pela consciência do aluno no processo educativo (Dienet, 1984, *apud* Alarcão, 2011). Considerando as características do adolescente, já citadas (cognitivas, afetivas, espirituais e sociais), algumas reflexões pedagógicas quanto a uma

educação com sentido podem ser feitas por professores que lidam com alunos dessa faixa etária (Biller 2005; Freire 1996; Hadir 2003, *apud* Alarcão, 2011).

O professor pode ser visto pelos seus alunos como um modelo de pessoa no qual as informações como biografia; onde se formou; há quanto tempo atua como profissional na educação; sua coerência e autenticidade; são aspectos que têm pouca importância para os jovens. Constrói-se, entretanto, uma relação de confiança com o educador quando os adolescentes veem a simpatia, o respeito, o diálogo e a empatia. No relacionamento empático, o adolescente vai construindo sua autoconfiança e um conceito positivo do que é a vida (Alarcão, 2011).

Análise da Silva (2002), em sua pesquisa sobre relações entre formadores, professores e adolescentes, afirma que os profissionais da educação, quando abordam a questão de transmissão e recepção dos conteúdos pelos alunos, não entram em acordo. Não há concordância sobre as formas pelas quais a transmissão deve ser feita, ou quando deve ser iniciada nos cursos de formação para professores. A pesquisadora assegura que, na escola onde desenvolveu sua pesquisa, havia, nos conteúdos ministrados por professores, dois aspectos importantes: certa neutralidade nos conhecimentos e a obrigação de os alunos assimilarem os conteúdos da forma como eram oferecidos.

Muito se tem falado sobre a problemática da relação professor-aluno. Apesar de este tema não ser novo é sempre importante debatermos este assunto visto que a nossa pesquisa faz uma abordagem das representações sociais de professores que trabalham com alunos adolescentes. É importante, principalmente, observar, de modo particular, as orientações e condutas dos professores adotadas em sala de aula.

Quando se aborda a problemática da relação pedagógica entre professores e alunos, tende-se a valorizar especialmente o papel desempenhado pelos diferentes fatores sociais (a relação com a sociedade, a origem social dos intervenientes, a instituição escolar, a família, entre outros aspectos). Além dos fatores sociais, nas representações encontraremos também fatores singulares ou individuais, que podem determinar como estas representações se organizam para cada pessoa e como elas influenciam as relações entre professores e alunos, dependendo do parceiro percebido e da situação institucional concreta.

Gilly (1980), citado por Carita (1997), realizou pesquisas sobre a teoria de representação social, inscrita ao campo educacional, em uma escola do primeiro ciclo de escolaridade. Tratou-se de um estudo de representações dos professores sobre os seus

alunos e vice-versa. Este estudo reconhece que, de certa forma, as representações adiantam as condutas, originado com isto as relações educativas. Elas modelam também as diferentes formas de aprender do aluno, bem como a situação educacional no seu todo. Aí temos um quadro de ideias ou significados que nos permitem compreender e clarear como é realizada a relação pedagógica e que, por vezes, é determinada por situações próprias em momentos de conflito entre professor e aluno.

Carita (1997), em sua pesquisa, utilizou como tema orientador a relação pedagógica, e de forma geral, a relação entre as representações sociais com a pedagogia num contexto em sala de aula. A nossa pesquisa não se distancia muito deste artigo, pois nos preocupamos em saber como se dá a relação entre professor e aluno adolescente e, principalmente, quais são as representações especificamente, dos professores da Escola Sagrada Esperança em Cabinda.

O interesse da autora neste trabalho ou no tema pesquisado aconteceu, em primeira instância, para dar ênfase nas necessidades de melhorar o que não ia bem na relação professor-aluno. Ela considera que havia um sentimento de desgosto entre eles, na relação estabelecida. Para a autora, uma preocupação central, o dilema chave em psicologia da educação e para as teorias de representações sociais, é a complicada relação entre práticas-representações-práticas. A relação entre estes elementos acontece de uma forma dinâmica, não apenas com casualidades de um só modo, mas antes de tudo, pela influência recíproca entre si.

Gilly (1980), atribui às representações uma importância capital no desenvolvimento de uma psicologia da relação educativa, ainda que as representações que a atravessam e que a estruturam, sejam, acima de tudo, determinadas pelo condicionalismo das instituições escolares existentes numa determinada sociedade, numa dada escola, num dado momento histórico. Podemos, contudo, admitir que as representações sociais atuam como agentes mediadores entre as condições de funcionamento das instituições de ensino e o modelo da relação pedagógica. Os protagonistas destas representações são os próprios parceiros da relação pedagógico-educacional no ensino.

Sobre o estudos das representações, Gusgrove e Taylor (1969), citados por Carita (1997), afirmam que os alunos valorizam mais, nos seus professores, a empatia, a sua forma e capacidade de compreensão, a atenção que lhes é dada. Mas à medida que avançam na escola, no secundário, começam a valorizar também a capacidade de explicar e a organização dos professores.

Mollo (1979, 1986) citado por Carita (1997) define o estudo das representações sociais como um sistema referencial que interfere nas relações entre os indivíduos, a escola e a sociedade. Assim, nas instituições, as representações dos professores são compreendidas como sendo determinantes especiais da relação pedagógica. O autor discute, especialmente, a existência de representações sobre o aluno ideal ou o aluno adequado. Também as representações sobre o bom e o mau aluno estão presentes, como elementos, dentro da sala de aula. O bom aluno é descrito como sendo, em primeira instância, um elemento com um conjunto de qualidades morais importantes para a vida escolar e também pelas suas próprias qualidades intelectuais. Este aluno teria atitudes positivas face ao trabalho escolar e a seus professores, sendo estas qualidades determinantes para a adaptação escolar. Eles facilitam, ao professor, o cumprimento da sua autoridade. Já o mau aluno é definido como desinteressado pela escola, e ao qual faltam habilidades intelectuais. Além disso, mostra-se indisciplinado, qualidade oposta ao bom aluno.

O que realmente se pretende como modelo de aluno è aquele visto tradicionalmente e pela pedagogia, como um aluno dócil e receptivo. As representações nos trazem indicações do aluno ideal. Esta representação surge como organizada em torno de duas dimensões importantes: a conduta social do aluno e as aptidões escolares para a realização de atividades pedagógicas. A primeira dimensão se desenvolve na relação com os seus colegas de turma e também de escola. São qualidades como a simplicidade, delicadeza e sociabilidade na relação com os professores, por meio do respeito e da admiração.

A relação professor-aluno, aspecto importante na transmissão e recepção de conteúdos escolares, não é um tema novo. Existe a compreensão de que essa relação não pode ser analisada isoladamente da seleção de conteúdos, da metodologia utilizada para desenvolver os conteúdos e da forma de avaliá-los. Conceber o professor como agente, por excelência, da aprendizagem sistematizada pode levar a uma valorização da perspectiva da escola como lugar apenas de construção de conteúdos escolares, em detrimento da formação moral e humana. As questões constatadas e vividas pelos alunos adolescentes, neste caso, podem ser desconsideradas. Assim, os professores negam o fato de que muitas destas questões não são recentes, na realidade, em sala de aula (Silva, 2002).

A relação professor/adolescente pode ser marcada pela impessoalidade, de forma que os professores não se interessam pelos assuntos dos adolescentes, bastando

transmitir os conteúdos. Mas no trabalho com esses sujeitos, o perfil do educador precisa ser reestruturado, reorganizado, porque um profissional da educação deve abordar, em suas práticas, as questões da adolescência e toda sua especificidade. Nessa prática, é preciso levar em conta os currículos e os programas de disciplina na escola e como estas matérias podem ser dadas, considerando as especificidade dos alunos, focalizado os níveis de escolaridade e as idades de formação dos alunos com os quais os professores vão trabalhar.

Dessa forma, assume-se o papel de educador no verdadeiro sentido da palavra, ou seja, ajudar os alunos a compreenderem melhor o que é a adolescência e como ultrapassá-la. Quando tratamos de educadores, pensamos em um indivíduo que age em diferentes situações como profissional, que se expira e se cultiva, transforma, cria ideias e histórias de forma inteligente.

O valor que, nos dias de hoje, se atribui à epistemologia da prática educacional, transmite a fragilidade do papel que os professores, de forma geral, assumem no desenvolvimento das reformas curriculares; o reconhecimento da complexidade dos problemas da nossa sociedade atual, entre eles as questões que envolvem a condição docente; a consciência de como é difícil formar bons profissionais (Alarcão, 2010, p.45). Nesse sentido, a formação é sempre contínua e todos os profissionais da educação têm que se capacitar para os desafios da sociedade. Um desses desafios é a mudança que os adolescentes e jovens representam para seus professores e para a escola.

A vida, de forma geral, não pode ser vivida isoladamente. Na escola também não é possível agir de maneira solitária, pois ela é o local de trabalho dos profissionais da educação. Ali, na instituição, vamos encontrar os colegas de profissão que constituem os docentes da escola. A vida profissional dos educadores tem o seu contexto na própria escola, pois é a instituição que define o que fazer e como fazer, de forma organizada. Nesse contexto, é preciso criar condições de reflexão individuais e coletivas, pois a escola tem de pensar em si própria e na sua missão, nos modos como se organiza para cumprir e fazer cumprir. Assim, a escola, ela também, tem de ser reflexiva.

Alarcão (2010) define escola como uma comunidade educativa, com grupos sociais constituídos por alunos, professores e funcionários. E porque essa comunidade deve ser reflexiva, os formadores de professores têm grande responsabilidade no desenvolvimento das capacidades de pensar, falar e agir. Uma das estratégias de grande valor formativo é a pesquisa-ação no que concerne a formação de professores em contexto de trabalho. Também pesquisas sobre representações sociais podem ser de

grande contribuição para os docentes em formação, já que evidenciam representações dos professores sobre si, sobre o aluno e sobre o próprio trabalho, ancorando modos de agir no contexto escolar. As pesquisas sobre representações sociais permitem que os professores - seres pensantes, reflexivos, com capacidade de conduzir as suas próprias ideias – possam questionar a si próprios como motor do desenvolvimento institucional. Nesse caso, os professores podem desenvolver a constante atitude de reflexão, de manter presente a importante questão da função que os professores e a escola desempenham na sociedade. Posturas reflexivas ajudam a equacionar e resolver dilemas e problemas provenientes da escola.

Assim, a formação do professor é muito importante, sendo que Schon (1983) citada por Alarcão (2011), destaca a relevância da reflexão sobre a ação educacional. Entretanto, muitas mudanças necessárias à educação dos adolescentes não se atêm aos professores e alunos, mas devem considerar a organização da instituição escolar. Isto implica mudanças na organização da escola, com mais espaços diferenciados para as aulas com grupos pequenos e grandes. Também, avaliando o contexto contemporâneo, a instituição escolar reorganizada deve facilitar o acesso a livros, revistas, internet entre outros instrumentos (Tavares e Alarcão, 2001).

CAPÍTULO 2. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO MARCO TEÓRICO

As representações sociais têm ocupado, nos dias de hoje, um espaço importante na pesquisa social, aparecendo como peça fundamental para a compreensão da complexidade e das dicotomias que surgem no processo de conhecimento de um dado fenômeno social, tendo como pressuposto fundamental o efeito do dia a dia em sua construção (Trindade 1996).

Esta pesquisa está fundamentada na teoria da Representação Social de Serge Moscovici, segundo a qual a representação social retém o poder de organizar, unir e filtrar o que vai ser reintroduzido e reaprendido no domínio das experiências e condutas das pessoas durante a vida cotidiana. As representações sociais são entidades quase tangíveis, que circulam, cruzam-se e se cristalizam continuamente através da fala, dos conceitos e dos gestos utilizados nos encontros do universo cotidiano (Moscovici, 2012).

Quando pesquisou a representação da Psicanálise na sociedade francesa, o autor criou um conceito e uma teoria para explicar as formas de pensar e sentir com relação aos objetos, fatos e relações entre as pessoas, como um processo social de construção de conhecimento. Nesse sentido, entendendo que cada indivíduo possui uma dimensão e histórica social que o constitui, pensamos que alguns aspectos da teoria das representações sociais podem ser úteis para compreendermos que representações sobre os adolescentes, os professores têm compartilhado no interior da escola Sagrada Esperança, em Cabinda, Angola. Essas representações comuns podem ser vistas como uma amostra de representações que, provavelmente, são compartilhadas em âmbitos maiores do que a escola estudada, dentro do contexto angolano.

Moscovici (1961) estabeleceu a representação social como uma construção da pessoa com origem e destino social. No caso desta pesquisa, podemos observar que a elaboração das representações sociais são mediadoras das interações entre professor e aluno. Daí o nosso interesse em saber como se dão estas representações, em professores que trabalham com alunos adolescentes, analisando como eles pensam, sentem e agem em relação aos seus alunos. No trabalho com essas representações, podemos encontrar

as inclinações dos professores quando analisam o processo de interação social entre eles e seus alunos.

Na escola pesquisada podemos observar as representações deslocadas de professores para os alunos. Abramowicz *et al* (2006) afirmam que os professores são formados para lidar com um hipotético aluno ideal. Por vezes, muitos educadores já têm um repertório negativo do adolescente. Esse olhar vai “determinar” que o professor veja, no aluno, aquilo que ele pode apresentar de negativo, não conseguindo colher o que pode existir de interessante e de bom deste período do desenvolvimento. Uma pesquisa desenvolvida por Martins, Trindade e Almeida (2003) demonstra que adolescentes tendem a viver a adolescência como uma profecia autocumprida, pois cumprem aquilo que eles acreditam que a adolescência deve ser. Desse modo, as representações construídas em determinado contexto podem indicar formas de pensar, de sentir e de agir dos adolescentes consigo mesmos e dos professores com seus alunos adolescentes. Determinados pela ideia de que o período da adolescência pode ser turbulento e problemático, por exemplo, professores podem não se sentir preparados para lidar com situações diferentes, criando, com isso, as suas representações sociais.

Tem-se verificado, cada vez mais, o uso do referencial teórico das representações sociais (Farr e Moscovici, 1984; Jodelet, 1989; Moscovici, 1976; Sá 1996), no âmbito da saúde e da educação, especialmente em estudos nos quais importa ter acesso ao conhecimento social que orienta as práticas de uma certa população. Investiga-se o conhecimento utilizado por determinada população para interpretar as suas dificuldades e para justificar suas práticas sociais. Desse modo, no campo da educação, podemos abordar as representações que os professores têm dos seus alunos adolescentes, verificando o que eles pensam sobre os adolescentes, como eles interpretam suas dificuldades diante dos alunos adolescentes e como justificam suas práticas diante desse público.

Ao integrarem um novo conhecimento, as representações tornam o novo conhecimento um saber assimilável e exercem a função identitária, que permite situar o indivíduo no contexto do grupo social. Com isso, as representações sociais desempenham uma função de orientação e de justificativa dos comportamentos e das tomadas de decisão dos professores para com seus alunos adolescentes. Não se trata, portanto, de uma herança coletiva das gerações – que, de fato, podem transmitir também estes conhecimentos - mas é um processo em que o indivíduo desempenha uma função de orientação ativa e autônoma (Moscovici 2005).

Assim, as representações sociais devem ser estudadas juntamente com elementos afetivos, mentais, sociais, e integrados aos problemas da cognição, da linguagem e da comunicação. Estes itens são fundamentais nas relações sociais que afetam as representações e a realidade material social sobre a qual a pessoas têm de intervir (Jodelet, 2001).

Ao abordarmos as representações sociais, vimos que as partes integrantes da reconstrução da realidade, devido à dinâmica de comunicação presente nas interações, dos indivíduos no contexto dos grupos com os objetos sociais, trazem um conjunto de conhecimentos que permitem que o indivíduo se situe no mundo. Para Moscovici (2005), as representações sociais são elementos de uma cadeia de reações, de percepções, opiniões e noções, significando não ser possível conseguir nenhuma informação sem que tenha sido previamente distorcida pelas representações sociais impostas.

Quando abordamos as representações sociais através da experiência de vida social e acadêmica, isso implica a obtenção de uma representação social prévia dos saberes que interferem nos processos de formação dos professores e dos alunos, pessoal e profissionalmente (Oliveira, 2004). Desse modo, a teoria das representações sociais apresenta-se como um fenômeno psicossocial que resulta da combinação de fatores históricos, culturais e cognitivos, que, de forma integrada, contribuem para a construção de conceitos e imagens dos fatos, processos e comportamentos dos indivíduos e dos grupos. Quando algo nos é perguntado, temos sempre uma imagem representativa do que é questionado. Na perspectiva da teoria de representação social, a resposta dada não é uma reprodução ou duplicação, mas uma reconstrução “do que representa para si”. As representações não são passivas, nem se constroem como meros receptores. Em outras palavras, representar é participar ativamente do processo de construção da sociedade. Desse modo, a teoria da representação social devolve à pessoa sua importância na formação da sociedade (Banchs, 2000).

As representações sociais formam um conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, por meio do qual nos apropriamos do mundo e lhe damos sentidos, tendo em conta a construção de uma determinada realidade comum em um conjunto social (Jodelet, citado em Sá, 1993). Portanto, as representações sociais dos professores sobre adolescentes orientam, de algum modo, as atitudes dos docentes que, por sua vez, podem promover o comportamento dos seus alunos (Santos e Paulino, 2006). Dessa forma, podemos pensar que os professores podem ser os principais promotores de

mudanças de comportamento, propondo novas posturas, de forma a romper paradigmas e reformular ideias.

2.2. O contexto da pesquisa: o sistema angolano de ensino e a escola pesquisada

Angola situa-se geograficamente, ao sul do equador, na costa ocidental da África Austral. Faz fronteiras com países como a República Popular do Congo e a República Democrática do Congo (antigo Zaire), ao norte; a República de Zâmbia, ao leste, e a República da Namíbia, ao sul; ao oeste está o oceano Atlântico. O país tem uma extensão territorial de 1.246.700 km, a sua população é estimada em aproximadamente 12 milhões de habitantes, constituída majoritariamente pela raça negra, de origem Bantu.

Antigamente Angola era constituída pelos reinos: Congo, Ndongo, Bailundo, Kassanje, Matamba, Chiyaka, Ndulu e Chigolo. Mas hoje está constituída pelas seguintes comunidades étnico-linguísticas: Umbundu, Kmbundu, Kikongo, Tchokwe e Kwanhama. Está constituída por 18 províncias que são: Cabinda, Zaire, Uige, Malanje, Kuanza-Norte, Kuanza-sul, Bengo, Luanda, Moxico, Lunda-Norte, Lunda-sul, Biè, Huambo, Benguela, Lubango, Kuando-Kubango, Onjiva e Namibe.

A nossa pesquisa foi realizada na Escola Sagrada Esperança, na cidade de Cabinda. Localiza-se no centro da cidade de Cabinda, de frente ao Governo da Província, na Rua Agostinho Neto e conta com grande adesão de alunos em todas as séries. É a única escola na província que tem o ensino especial.

A Escola Sagrada Esperança é uma instituição de Primeiro Nível, que compreende o ensino da 1ª classe (crianças de 6 anos) à 6ª classe (crianças de 11 anos). Como existem muitos alunos atrasados no sistema escolar, por questões de várias ordens, adolescentes de 12 a 16 anos são matriculados nas escolas de Primeiro Nível em turmas denominadas “Módulo”. Além das turmas regulares e das turmas Módulo, na referida escola, também funciona o ensino especial e o ensino de adultos. Estes módulos funcionam com alunos com idades avançadas, maiores de 15 anos, e fazem duas séries ao mesmo tempo. O módulo 2 consta da terceira e quarta séries, enquanto que o módulo 3 consta da quinta e sexta classes, feitas simultaneamente. A avaliação é feita apenas no final do ano: prova única em que constam todas as disciplinas da série.

A escola Sagrada Esperança é uma escola pública mantida pelo governo da província e comporta, além dos níveis de educação descritos acima, também o ensino de

adultos e o ensino especial para alunos com deficiências e outras necessidades especiais. Funciona no período da manhã, tarde e noite, lembrando que é a única instituição na província em que funciona o ensino especial, no turno da manhã. A instituição dispõe de 21 salas de aula, todas funcionando nos três períodos e possui uma média de 45 alunos por turma.

Em termos de gestão escolar, a instituição conta com um diretor geral, um diretor pedagógico, diretor administrativo, coordenadores de turnos e coordenadores de classes.

O sistema de educação em Angola passou por muitas fases desde a colonização até os tempos de hoje. Com a independência de Angola em 1975, houve a necessidade de reorganizar o ensino no país, tendo em conta as novas necessidades da formação de quadros nacionais de professores que pudessem sustentar e reativar o ensino de acordo com as novas aspirações da nação.

Estas aspirações são baseadas em princípios nacionalistas que recomendam a escolarização obrigatória e massiva; que o ensino esteja sob um sistema único e feito de forma integral; e que leve em consideração a colaboração entre escola e comunidade. Após a independência em Angola, a prioridade era a alfabetização das populações. Assim, foram implementadas reformas sistemáticas do ensino, que propunham a expansão para a consolidação da rede de escolas para todos. Nessa época, houve uma saída massiva de profissionais da educação de Angola, que se capacitaram, em outros países - como Brasil, Portugal, Cuba, Polônia - para depois formarem os quadros nacionais. Por outro lado, chegaram muitos estrangeiros, como cubanos, poloneses e russos, búlgaros, etc. dos quais alguns vieram aperfeiçoar o campo da educação angolana.

Os educadores estrangeiros vinham a Angola para promover o aperfeiçoamento dos professores, diretores e inspetores escolares, para contribuir para a superação das lacunas existentes nas escolas e contribuir para a construção de novos métodos. Esperava-se, desse modo, melhorar as condições sociais dos professores, trabalhadores administrativos e alunos.

As guerras que aconteceram em Angola contribuíram para o elevado índice de analfabetismo por grande parte da população, pois muitas pessoas paravam de estudar ou tinham medo de ir à escola. Também houve um grande fluxo de migração, por exemplo, quando houve conflito nas províncias do sul muitos vieram se refugiar em Luanda e não voltaram mais para seu contexto de origem. Desse modo, os conflitos

agravaram os índices de analfabetismo que, por sua vez, acompanhavam os problemas de vários campos da vida do país.

Devido às guerras que aconteceram em Angola, desde a colonização até a guerra civil finalizada em 2002 com a paz efetiva, a taxa de analfabetismo era das mais elevadas de toda África. Em 1954 registravam-se 95% de iletrados na população negro-africana e cerca de 25% da população portuguesa estabelecida na colônia. MED (1980) citado por Canhici (2014), considera que diante dessas taxas de analfabetismo, a Organização das Nações Unidas confirmou que, no ano seguinte, pelo menos 20% das crianças com idades entre 5 a 14 anos estariam inscritos em escolas na Guiné, em Angola e em Moçambique.

Segundo a agência Lusa (2004), as reformas educativas ocorridas em Angola tiveram o objetivo de melhorar a qualidade de ensino no país através de uma estrutura educativa forte baseada em um novo projeto e em instrumentos curriculares.

Neste capítulo vamos abordar alguns aspectos da educação colonial, mas o nosso foco é o ensino atual, onde poderemos localizar os professores pesquisados.

O sistema de ensino em Angola, em 1930, ainda na época colonial era assim caracterizado: a idade prevista para o ingresso das crianças portuguesas, no ensino primário, era dos 7 aos 12 anos, quando se faziam as três primeiras classes. No entanto, os nativos angolanos que frequentavam a escola eram uma minoria. Quando isto acontecia, o ingresso dos nativos ocorria na 1ª classe, aos 9 anos, prosseguindo os estudos até os 14 anos, com acréscimo de mais dois anos de adaptação. Entre os 10 e 13 anos, as crianças que tinham a oportunidade de estudar, frequentavam o ensino profissional. As meninas podiam ingressar no ensino elementar aos 12 anos, cursando os quatro anos e mais dois suplementares de adaptação.

A abolição de escravidão de indígenas, em 1961, veio reforçar a necessidade de mudanças do sistema educacional angolano. Isso porque os nativos, a partir da abolição, começaram a ter direito a frequentar a escola. Em 1968, ainda na época colonial, em consequência da promulgação do decreto-lei nº 48, os estudos gerais universitários de Angola passaram a ser designados pela Universidade de Luanda que se tornou o modelo do ensino superior. Em seguida, ao lado do Ensino Primário regular, estabeleceu-se o Ensino Elementar indígena formado em postos escolares das zonas rurais. A 4ª série desse ensino elementar indígena equivalia à 3ª série das escolas oficiais elementares. Assim, o aluno da zona rural precisava frequentar mais uma série para ingressar na

Escola de Artes e Ofícios, na Formação de Professores de Postos Escolares ou na Escola Industrial e de Comércio para Indígenas.

O sistema não permitia o ingresso direto do aluno indígena no magistério primário, reservado ao público europeu. Também os estudos gerais universitários não eram franqueados aos nativos angolanos.

Depois da Independência, o país experimentou um novo regime de ensino escolar, por iniciativa do secretário provincial do governo, Amadeu Castilho Soares. A reforma de 1964, que vigorou até novembro de 1975, mostrou-se ineficiente, não traduzindo qualquer tipo de melhoria em relação ao processo educacional dos indígenas ou nativos.

- Após a Independência, podemos entender o sistema educacional angolano por três grandes fases: Fase de massificação e promoção da alfabetização de escolares: é uma fase emergencial na qual se precisava de quadros capacitados para cobrir as lacunas existentes no aparato de funcionários angolanos inseridos nas escolas. Neste período, existiam os quadros equiparados, isto é, quadros de professores sem nenhuma qualificação acadêmica, com pouca experiência no trabalho, mas que obtinham cargos de técnicos médios no sistema educacional. Os técnicos médios são habilitados a dar aulas no ensino de base, geralmente da primeira à oitava classe. Nesta fase, a escolaridade iniciava-se no pré-primário no qual as crianças eram admitidas, aos cinco anos de idade.

A estrutura de ensino era classificada por três níveis: pré-primário até a 4ª série; segundo nível formado pela 5ª e 6ª série e o terceiro nível formado pelo 7ª e 8ª série. Depois disso, tinha-se o acesso ao ensino médio, com a 9ª a 12ª série.

- A segunda fase foi constituída pela reestruturação dos níveis de ensino, iniciada em 2001. A iniciação passou a ser a 1ª classe, sendo que o pré-primário, antes a classe inicial na escola, passou a ser realizada nas creches. O ano de início da escola se mantém aos 5 anos, mas as crianças deveriam começar a pré-escola com menos dessa idade.

Assim, o primeiro nível do sistema vigente, depois da pré-escola, passou a ser chamado de Ensino Primário, compreendendo da 1ª à 6ª classe. O Primeiro Ciclo que, no sistema vigente era o terceiro nível, era formado pela 7ª à 9ª classe. O Ensino Médio passou a ser chamado de segundo ciclo, sendo constituído pela 10ª à 12ª classe. Terminados os ciclos, todos os alunos teriam acesso à universidade.

- A terceira fase é caracterizada pela reforma educativa vigente desde 2012. Nesse contexto, procura-se fazer uma avaliação geral do sistema educativo, acompanhada de ações voltadas para a formação docente, para o melhoramento das condições de infraestrutura e investimentos na construção de práticas pedagógicas e materiais didáticos, tendo em conta a realidade e os anseios do país.

Depois de dois anos da proclamação da independência, em 1975, Angola adere a acesso à escola e à continuidade dos estudos, pela gratuidade do ensino e o aprimoramento do pessoal docente. Este momento político foi marcado pelos princípios de igualdade de oportunidades no acesso à escola e poder permanecer nos estudos, gratuitamente de forma ampla. Assim, todos poderiam estudar gratuitamente, tendo acesso aos materiais didáticos. Essa reforma tinha como princípio a laicidade do ensino, princípio esse consubstanciado no sistema de educação da República de Angola, aprovado em 1977 e implementado a partir de 1978 MED (1978).

Enfim, o Sistema de Educação, atualmente, caracteriza-se da seguinte maneira: Ensino geral de base, Ensino pré-universitário, Ensino médio e Ensino superior.

O Ensino geral de base, constituído por oito classes, é estruturado em três níveis: o Primeiro Nível, formado por quatro classes (da 1ª à 4ª), sendo iniciado aos 6 anos; o segundo e terceiro níveis são constituídos por duas classes cada um (da 5ª à 8ª série). Esse ensino é obrigatório, conforme mostrado por Bambi (2014).

Finalizado o Ensino geral, o aluno pode escolher se irá cursar o Ensino pré-universitário ou o Ensino Médio Profissionalizante. O Ensino pré-universitário permite o acesso ao ensino superior. Até 1986, era estruturado em quatro semestres letivos. Mas depois, evoluiu para seis semestres.

O Ensino Médio Profissionalizante, com duração de quatro anos, é constituído por dois ramos fundamentais: o técnico e o normal. O ensino técnico é destinado à formação de técnicos intermédios para o sector da produção e da indústria. Enquanto que o ensino normal é voltado para a formação de professores para o Ensino de Base.

Os professores, sujeitos desta pesquisa, estão inseridos no Primeiro Nível do Ensino Geral de Base, da 1ª a 4ª classes. Os alunos destas classes costumam ter entre 6 e 10 anos, não sendo, portanto, adolescentes. Entretanto, é muito comum, em Angola, que as crianças entrem tarde na escola ou passem por um número considerável de retenções nas classes. Assim, o Primeiro Nível de Ensino costuma possuir diversos adolescentes, sendo possível encontrar alunos de até 18 anos. Por outro lado, na escola Sagrada

Esperança, também no Primeiro Nível do Ensino existem. como já mencionamos, os Sistemas de Módulos que são turmas com crianças de idades avançadas, fazendo duas classes por ano numa tentativa de corrigir os anos perdidos e adequar a relação idade/classe cursada.

2.2. Procedimentos de pesquisa

Trata-se de uma pesquisa qualitativa em que foram utilizados os seguintes instrumentos:

- a) Um questionário, para a coleta dos dados pessoais e informações gerais dos professores como: idade, tempo de serviço, origem, estado civil, formação, etc.
- b) Uma entrevista semiestruturada, com as seguintes questões: Falas algum dialeto nacional? No seu dialeto, existem palavras que tenham significado semelhante à palavra adolescência ou adolescente? Diga quatro palavras que traduzem, para ti, professor, adolescente? Quando foi a primeira vez que teve contato com o conceito de adolescência? De onde vêm os seus conhecimentos sobre adolescência?
- c) Uma redação com o tema - *Adolescência*

O questionário visava levantar dados gerais dos professores, tais como idade, cidade onde nasceu, estado civil, escolaridade, local de formação e tempo de atuação na profissão de professor. Achamos por bem levantar esses dados de modo a conhecer melhor a amostra estudada, buscando cruzar alguns dados como tempo de atuação na profissão, escolaridade e local de formação. Foi possível, por exemplo, determinar qual era o nível de formação acadêmica desses professores e daí estabelecer relações entre formação acadêmica e representações sociais.

Além dos dados gerais, o questionário apresentava as seguintes questões: Como você trabalha com seus alunos adolescentes? Como organiza seu trabalho com os alunos adolescentes? Como são suas aulas? O que você estudou sobre alunos adolescentes e onde busca informações sobre eles?

A partir dessas questões, buscávamos apreender de que modo as representações sobre adolescentes podiam se traduzir nas ações pedagógicas dos professores. Assim, como os dados “tempo de atuação na profissão” e “formação acadêmica”, a questão sobre a busca de informações sobre adolescentes tinha como objetivo perceber a que os

professores atribuíam suas ideias sobre adolescentes. Eles se ancoravam nos cursos de formação acadêmica? Ou em outros âmbitos da vida cotidiana?

A entrevista semiestruturada, por sua vez, pretendia investigar se a palavra “adolescente” na língua portuguesa, utilizada pelos professores, encontrava correlatos nos dialetos de origem dos docentes.

A entrevista semiestruturada, de acordo com Lankshear e Knobel (2008), é um dos instrumentos mais adequados para o trabalho de pesquisa que se faz atualmente na educação, pois é a mais próxima dos esquemas livres e menos estruturados. No nosso caso, os professores são mais convenientemente abordados através de um instrumento mais flexível. Ela cria uma relação de interação com os sujeitos a serem pesquisados estabelecendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Esse instrumento se desenrola a partir de um esquema básico a ser aplicado de forma não rígida, permitindo assim que o entrevistador faça adaptações (Ludke e André, 1986).

Nesta pesquisa, utilizamos a entrevista, porque ela ofereceu a possibilidade de captar as informações desejadas sobre o que os professores sabiam sobre a adolescência e de onde se originavam esses conhecimentos e suas representações. A interação entre a pesquisadora e os docentes, na entrevista, poderia propiciar a circunstância para que as informações sobre os saberes desses professores fossem explorados. Assim, utilizamos a entrevista para investigar as possíveis relações entre as representações apresentadas pelos professores, nas respostas ao questionário, e a linguagem do dialeto de origem do professor. Partindo do pressuposto de que em Angola a língua oficial portuguesa mescla-se aos dialetos de origem tradicional, pareceu relevante investigar a existência de palavras que designassem adolescência ou adolescente nos dialetos, de forma a compreender que papel esses termos poderiam ter nas representações sociais dos professores. Daí que o roteiro de entrevista tenha se centrado em questões voltadas para a investigação do dialeto e da origem dos conhecimentos sobre adolescência. Das respostas dadas à entrevista, originou-se a primeira categoria a ser trabalhada nos resultados, ou seja, as representações sobre adolescência, originadas dos saberes tradicionais.

A análise dos questionários e das redações focou a frequência de termos e palavras relacionadas à adolescência e adolescente. Assim, foi possível perceber três aspectos por meio das respostas dos professores: conceito de adolescência; a adolescência entendida como fase difícil; a adolescência entendida como um bom

período. Essa categoria foi intitulada como “a representação apresentada nos documentos escritos pelos professores”.

Além dessas duas categorias, o material fornecido pelos docentes, escrito e oral, nos possibilitou também investigar o que eles dizem sobre a origem de seus saberes e conhecimentos sobre a adolescência, bem como compreender a maneira como organizam suas práticas pedagógicas a partir das representações que eles possuem sobre “o que é dar aula para adolescentes”.

Por fim, é importante tratar das dificuldades enfrentadas, pois toda pesquisa científica tem os seus problemas, dificuldades e controvérsias. O trabalho árduo e muito apurado começou pela escolha da escola a ser pesquisada. Houve a aceitação do Diretor da Escola Sagrada Esperança. Depois que o diretor reuniu os professores com os quais iríamos trabalhar, todos aceitaram de bom grado. Nesse momento, houve a entrega dos questionários para dali a algum tempo, recolhê-los e realizar a entrevista.

Voltando para Cabinda, em dezembro, não houve como encontrar os professores, pois era momento de férias e festas. Assim, tivemos que esperar o ano letivo reiniciar. No início do ano, ao fazer a recolha dos questionários, todos os professores os haviam perdido. Dos seis professores que haviam iniciado a pesquisa, sobrou apenas um. Este professor apresentou o questionário rapidamente e foi o que mais se interessou pela pesquisa.

Como os questionários haviam sido perdidos, houve a convocação de novos professores pelo diretor. Conseguimos os cinco professores e começamos a trabalhar. Finalmente, conseguimos reunir as informações necessárias para a realização do trabalho.

Embora tenha havido reveses, a pesquisa ofereceu também bons momentos relacionados ao interesse da Direção da escola e de alguns professores pesquisados que mostraram disponibilidade, atenção e manifestaram o desejo de futuramente fazermos um trabalho juntos.

CAPÍTULO 3. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE ADOLESCENTES E ALUNOS ADOLESCENTES

3.1. Quem são os professores pesquisados?

Este trabalho foi realizado com cinco professores que serão aqui representados pelas letras A,B,C,D e E. Desses, dois são do sexo feminino e três do sexo masculino com idade entre 36 e 51 anos. São todos naturais de Cabinda. Falam o português como língua oficial, mas todos falam o Ibimda ou Fiote, dependendo da região de onde são provenientes. É importante ressaltar que os dialetos são muito presentes em grande parte das famílias cabindenses. Quatro desses professores se apresentam como solteiros, mas vivem maritalmente. Somente uma é casada. Na tabela abaixo, apresentamos mais dados dos professores.

Tabela 1. Idade, formação acadêmica e tempo de serviço dos entrevistados.

Professor	Idade	Formação acadêmica	Tempo de serviço
A	45 anos	Ensino médio normal	22 anos
B	35 anos	Curso superior em andamento	13 anos
C	41 anos	Curso superior	17 anos
D	51 anos	Curso superior em andamento	35 anos
E	36 anos	Ensino médio normal	10 anos

Fonte: Dados da pesquisa 2014

Na tabela, observamos, quanto ao nível de escolaridade, que dois professores estão cursando Pedagogia e Psicologia no Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED), mas anteriormente haviam feito o ensino médio normal. Um deles finalizou o curso superior no ano de 2014. Dois professores tem a sua formação realizada apenas no Instituto Médio Normal de Educação (IMNE), sendo que o professor A finalizou o curso no ano de 2014. Os professores A e E trabalham com as turmas de módulo.

A formação dos professores, na maioria (três em cinco entrevistados), é de técnicos superiores formados no Instituto Superior de Ciências de Educação (ISCD) de

Cabinda, e outros, no Instituto Normal de Educação (IMNE), uma escola situada no centro da cidade, com adesão de muitos alunos por cada ano letivo.

Todos os professores pesquisados têm mais de dez anos de experiência, sendo que sua permanência na docência varia de 10 a 35 anos. Eles começaram a trabalhar muito antes de terminarem o ensino médio e o ensino superior. A Professora C, que defendeu a tese de licenciatura em 2014, mas já trabalha há 17 anos. A professora D, por sua vez, está no quarto ano do curso superior de educação e atua como professora há 35 anos.

Observamos, portanto, que em Angola, até alguns anos atrás, não era preciso ser formado na área da educação para ser professor. Atualmente, a lei obriga que o professor tenha o ensino médio completo ou ser licenciado na área da educação. Por isso os professores da pesquisa estão buscando formação acadêmica. Isto marca uma ruptura com os critérios anteriores, segundo os quais a vocação para ensinar constituía-se no requisito principal para a docência.

Essa vocação era identificada quando alguém lia ou escrevia precocemente ou com certa habilidade, apresentava talento para lidar com as crianças ou explicar os conteúdos escolares. O professor A é um exemplo daqueles que são chamados professores do tempo da colonização, pois tem 22 anos de trabalho, mas acaba de finalizar o ensino médio. Tornou-se professor por apresentar a vocação para essa atividade. Por ter bastante experiência e se mostrar um bom professor, a sua pouca formação acadêmica não é identificada. Atualmente, esse professor trabalha com as turmas de módulo 3, que correspondem à quinta e sexta classes, sendo turmas formadas por adolescentes, por volta de 15anos, jovens e adultos.

3.2. Como os adolescentes são nomeados pela tradição

Nas entrevistas realizadas, uma das questões colocadas era sobre os dialetos nacionais. Sendo nossa pesquisa sobre adolescência, queríamos saber se nos dialetos de origem desses professores existiam palavras, termos ou conceitos que poderiam ser traduzidos como adolescência ou adolescente. Todos os professores entrevistados falam o Ibinda ou o Fiote que é o dialeto da região de Cabinda. O professor E, em particular, apesar de ser natural de Cabinda, afirmou falar o Kiyombe, dialeto que se encontra dentro das sete variantes do Ibinda ou Fiote. Dentro destas variantes podemos encontrar o Kivili, Kilingi, Iwoyo, Kissundi, Ikuakongo, Kyiombe entre outras.

É preciso ressaltar que a província de Cabinda possui cinco municípios e sete variantes linguísticas, isto é, os cabidenses se entendem, mas cada um na sua variante. As expressões mudam conforme a sua Buala ou aldeia. Atualmente, o governo de Angola esta discutindo, junto com linguistas, qual seria a melhor variante para representar a província no conjunto das línguas nacionais.

Ao serem indagados sobre a existência de palavras que traduzem ou tenham o significado de adolescente, em seus dialetos de origem, os cinco professores responderam afirmativamente. As expressões citadas pelos entrevistados para designar a adolescência são advindas do Fiote ou do Ibinda. Considerando as diferentes terminologias e os sotaques de cada clã ou tribo, as palavras foram: N`tenda, a mais citada entre os professores, sendo utilizadas por três deles. Mas também apareceram os termos: Ditoko, Muana Ntchientu. Muana Ndumba, Muana lau, Muana Ukonzukua, Muana Bakala, Tchinkumpa ou Chikumpa e Muana Bakala. Mas acreditamos existir outras denominações derivadas do Ibinda ou Fiote que não foram aqui citadas.

Apresentaremos, a seguir, os trechos das entrevistas em que os professores apresentam as palavras, em seu dialeto de origem, que estão relacionadas ao termo adolescência:

Entrevista com Professor A:

Pesquisadora: Professor A, fala algum dialeto?

Professor A: Portanto, falo Ibinda.

Pesquisadora: No dialeto Ibinda há uma palavra que se traduz ou então que tem um significado de adolescência? Ou mais ou menos que se assemelha, não precisa ser exatamente, mas que se assemelha a esta fase?

Professor A: Esta palavra traduzida em Ibinda? Realmente existe, embora com termologias diferentes, tendo em conta os vários sotaques da província: pode-se dizer N`tenda, Muana ditoko, Nchientu, Muana Ndumba.

Pesquisadora: São estas que se traduzem, mais ou menos, adolescência?

Professor A: Sim, adolescência.

Entrevista com Professor B:

Pesquisadora: O professor fala um dialeto, uma língua nacional?

Professor B: Tenho domínio de uma língua nacional, neste caso o dialeto.

Pesquisadora: Qual é o dialeto?

Professor B: O dialeto é Ibinda, concretamente Fiote.

Pesquisadora: No dialeto Ibimda há uma palavra que se assemelha ao conceito de adolescente ou adolescência?

Professor B: Sim, no dialeto Ibinda existe esta palavra. No Ibinda, nós temos diferentes clãs e tribos, nestas tribos tem também, dentro no Ibinda, diferentes línguas como: Fiote, kiyombe, Kissundi, Kivili,.. Então em cada dialeto tem uma forma de chamar adolescência, na língua mesmo materna. Nós, em Fiote, chamamos de Tchikumpa, isto é que se assemelha a adolescente.

Entrevista com Professora C:

Pesquisadora: A professora fala algum dialeto?

Professora C: Falo sim. Ibinda.

Pesquisadora: No dialeto Ibinda, a professora tem conhecimento de uma palavra acerca da adolescência ou adolescente.

Professora C: N'tenda.

Entrevista com Professora D:

Pesquisadora: Professora, fala algum dialeto nacional?

Professora: Obrigada pela oportunidade que me dão. Dizer que sim, apesar de ser angolano, mas em Cabinda o dialeto que eu uso é o Ibinda. Nós falamos no nosso dialeto Fiote, mas este Fiote, relacionadamente, se diz Ibinda. É o dialeto que eu falo, além do português que já é a língua veicular.

Pesquisadora: Na língua Ibinda ou Fiote tem uma palavra que se traduz ou que tem um significado igual ou semelhante a adolescente?

Professora D: Dizer que sim. Podemos encontrar estas palavras dado esta fase adolescente, criança adolescente... no nosso dialeto, nós vamos encontrar uma das palavras, por exemplo quando falamos das crianças irrequietas, traquinas, vamos traduzir Muana yo Lau, de kehandy. Quer dizer esta criança é muito traquina, então tem vários significados, várias palavras que nós podemos encontrar. Adolescente quer dizer também Muanaukunzukwa, que está na fase de crescimento... Vamos enquadrar a fase de adolescente, criança adolescente: Muanaukunzuka.

Entrevista com Professor E:

Pesquisadora: Qual é o dialeto que o professor fala?

Professor E: O dialeto que eu falo é Kiyombe.

Pesquisadora: No Kiyombe, há uma expressão que tenha um significado de adolescência ou adolescente? Mas este Kiyombe é da região de Cabinda?

Professor E: Sim, é da região de Cabinda.

Pesquisadora: Propriamente de que zona?

Professor E: Bocuzau, município de Bocuzau.

Pesquisadora: Tem alguma tradução desta palavra adolescente no dialeto Kiyombe?

Professor E: Sim. Podemos tentar... como por exemplo, adolescente... eu posso entender no Kiyombe: N'tenda, Muana Bakala, Muana Thikumpa, Muana Dumba, Ditoko, N'tenda Ndumba.

O seguinte quadro ilustra as designações de adolescente e/ou adolescência derivadas do Ibinda:

Tabela 2 – Palavras em Ibinda ou Fiote, designando Adolescência

Palavras em Ibinda ou Fiote	Frequência dos professores	Significados em Português
N'tenda	3	Adolescente ou criança adolescente
Muana Bakala	2	Homem
Ditoko	2	Adolescente jovem
Muana Ntchientu	2	Mulher
Chikumpa ou Tchinkumpa	2	Moça, Adolescente
Muana Ndumba	1	Moça, Menina, Adolescente
Muana ukonzukua	1	Criança em crescimento (adolescente)
Muana Ndumba	1	Adolescente que já namora
Muana lau	1	Criança traquina, irrequieta e inquieta

Fonte: Dados da pesquisa 2014

O quadro ilustra os significados das expressões em Ibinda para designar adolescência ou adolescente. A expressão Muana significa filho para língua Ibinda. Destaca uma relação de respeito do pai para o filho. Na tabela, encontramos, por exemplo: Muana Bakala, Muana Ndumba, Muana Ntchintu, Muana Ukonzukua, Muana Lau. Muana Bakala é o termo que o pai utiliza para chamar o seu filho homem que já não é uma criança, mas encontra-se na fase da adolescente. Muana Ndumba utiliza-se para os pais explicarem que a sua filha adolescente já namora, visto que a adolescência é a passagem da infância à idade adulta. Muana Ntchintu é utilizado pelo pai para anunciar que a sua filha é uma mulher que cresceu, sendo-lhe então atribuídas algumas tarefas que a adolescente não fazia quando criança. Muana Ukonzukua expressa que a criança adoeceu na fase de crescimento. Muana lau usa-se para dizer que o filho é traquina, não para quieto, está sempre em movimentos, sendo que tal palavra pode referir-se tanto a jovens adolescentes, quanto a crianças menores.

Já a palavra N'tenda que foi a mais citada pelos professores entrevistados, tem o significado mais preciso de adolescência. A palavra Ditoko também está muito próxima da tradução em Ibinda, que em português é jovem adolescente.

As expressões Chikumpa e Tchinkumpa designam moça. Foram citadas por dois professores diferentes. Mesmo tendo o mesmo significado, expressa de forma diferente o mesmo conceito, devido ao sotaque de cada região de Cabinda. Como observado anteriormente, povos da mesma província entendem-se, embora existam diversos sotaques.

3.3. Representações de adolescência fornecidas pelos questionários e entrevistas

Os professores da Escola Sagrada Esperança falam da adolescência de seus alunos, evidenciando suas representações sobre etc. Levando em consideração, as redações sobre o tema adolescência e os questionários têm as seguintes representações:

1. A adolescência entendida como fase.

Nesta categoria, aparecem as palavras fase, transição, mudança e processo para designar o período que vai da puberdade até a fase adulta, como define o professor A: “o adolescente é um ser humano entre a fase da puberdade para a fase adulta”.

Para esses professores, os adolescentes passam por transformações psíquicas e físicas, relacionadas à puberdade. Aparece o desejo de tornar-se adulto.

Como transformações psíquicas, apareceram os seguintes termos: “agitação psíquica que depois se estabiliza”, “sentimentos aflorados”, “oscila comportamento”, “questionamentos”, “descoberta de si”, “não conseguem se manter quietos”, “não sabe, de concreto, o que quer”, “confusão” e “desenvolvimento da psique e da consciência”.

2. Adolescência entendida como fase difícil.

Encontramos as palavras “difícil”, “complicada” e “mau comportamento” relacionadas à adolescência.

Ao mau comportamento, aparece associado aos seguintes termos: violentos, sem limites, sem valores, problemas sociais, desobediência, bebedeira e vandalismo.

3. Adolescência entendida como um bom período.

Nessa categoria, aparecem os termos: inocência, dependência, aberto às diferenças, informados, assimilam com facilidade, são espontâneos, obedientes e conquistam o que querem.

Levando em consideração como cada professor descreveu a adolescência, temos que: A professora A define o período da adolescência entre os 12 anos e 17 anos de idade; a professora D acredita que esta fase compreende os 12, 13, 14 anos de idade; já o professor E diz que considera a adolescência dos 8,10 até os 15 anos de idade, ou seja, a idade na qual o indivíduo não é mais uma criança, mas ainda não se tornou adulto. Esse momento se caracteriza pelas possibilidades de aprendizagem.

Professor E: o adolescente é um jovem ou uma menina que ainda não atingiu as idades elevadas, podemos entender as idades como 8, 10, até 15 anos... geralmente a idade que ele... que ainda pode aproveitar e aprender, ele tem um comportamento diferente de nós, adultos.

O desenvolvimento da adolescência, de uma forma evolutiva, estabelece os seus limites, explicando seus significados e diferenciando os componentes biológicos dos psicológicos, de maneira a entendê-los e explicá-los. É possível analisar as mudanças físicas que modificam os corpos infantis em corpos adultos, prestando atenção à dimensão psicológica dessas mudanças.

Apesar de existir a representação da adolescência como uma fase difícil ou como um momento bom, para o professor B estas duas categorias estão associadas. Para ele, a adolescência é uma fase de conquistas no sentido positivo, mas pode também ser negativo por outro lado. Coll et all (2004) afirmam que a cultura adolescente possui características como: modas e hábitos, estilo de vida, seus próprios valores, uma vez que possuem suas preocupações e inquietações, que já não pertencem à infância.

Como a adolescência é representada como uma fase de conquistas, os professores acreditam que é preciso ajudá-los a evitar problemas futuros por meio do diálogo permanente e da seriedade do docente, que servirá como modelo. Para compreender a adolescência, o Professor B acrescenta que há dois aspectos a considerar: o meio em que se encontra o aluno e o acompanhamento direto dos pais, pois o meio molda hábitos e vícios. Aqui o professor B pede o desempenho dos pais ou encarregados de educação para que, junto com a escola, possam moldar estes adolescentes, não deixando a responsabilidade apenas para os professores.

A representação da adolescência como fase de puberdade associada a momentos difíceis e confusos fica clara na descrição do professor B: “ Adolescente é uma aluna

que está na fase da puberdade, aquela menina que já vai ganhar maturidade, para a fase posterior. Neste caso, adolescente vive aquele complexo de querer ganhar e ter a responsabilidade, talvez igualar ao pai. Adolescência noutros termos é a fase de muita confusão”. Para este professor, a adolescência seria complicada por ser a fase em que o púbere deseja ganhar maturidade, responsabilidade e, assim, se igualar aos pais.

Filósofos, pensadores e escritores haviam identificado crianças que iniciavam um comportamento indisciplinado, com questionamento a autoridades dos pais, manifestando desejos sexuais etc. Desse modo, podemos observar que a relação entre crescimento das crianças e atitudes questionadoras não é nova no campo das representações sobre adolescentes.

As culturas dos adolescentes são vistas de formas diferentes em determinadas épocas e sociedades. Em algumas sociedades, a incorporação dos adolescentes ao status de adulto pode ter um atraso significativo. Mas em outras culturas, o tornar-se adulto acontece de forma precoce, formando família, assumindo responsabilidades adultas, e comportando-se como tal. Na puberdade, conforme citado por alguns professores da nossa pesquisa, as sociedades mais tradicionais possuem muitos rituais associados às mudanças físicas, passando por rituais de iniciação. Por vezes, os adolescentes são isolados por alguns dias, momento em que a sociedade intencionalmente ensina a estes jovens as atividades de adultos, tradições de grupos, técnicas de caça, entre outras.. Após esse período, o indivíduo sai transformado em adulto.

Erik Erikson, citado por Coll *et al.* (2004), deu importância à adolescência, a partir da orientação psicanalítica. Em seu modelo de desenvolvimento explica que a emergência da sexualidade dá lugar a fatores sociais e culturais. O autor considera que a adolescência é um período importante no desenvolvimento do EU, visto que as mudanças físicas, psíquicas e sociais, levam o adolescente a uma crise de identidade, em que a resolução contribuirá para a consolidação da personalidade adulta.

De certa forma, o autor, de orientação psicanalítica, fornece uma imagem da adolescência cercada pelos conflitos e também pelas dificuldades que, de certa maneira, confronta-se com a análise sociológica que fazem alguns autores. De maneira diferente de Erickson que situa no interior do indivíduo as dificuldades próprias do período, outros autores afirmam que a origem dos conflitos seriam os contextos sociais, bem como os acontecimentos externos. Segundo a abordagem sociológica, os processos de socialização na adolescência seriam mais complicados. Durante esta fase, pelo fato de ocorrerem muitas mudanças no papel que o adolescente têm de assumir e nas

demandas que lhe são atribuídas pela sociedade, por vezes contraditórias criam, de certa maneira, algum estresse nos adolescentes.

A representação de que existe confusão, trazida pelo desejo de se tornar adulto, referido pelo professor B, pode ser compreendida por meio da fala da professora C: “O adolescente é muito... aquela fase complicada, mais ou menos fica teimoso, quer se mandar a si próprio, quer tomar as suas decisões, sem consultar os mais velhos, acha que também é adulto”.

A questão do desafio à autoridade do adulto, também é corroborado pela professora D: “Aluno adolescente... ele está presente em várias formas, como falei. Nós descobrimos que esta criança está nesta fase da adolescência observando aquilo que ela quer fazer. Relaciono isto com o não ouvir os mais velhos, quer fazer tudo na mesma hora, querer sair; no que toca ao vestir, já não se fala mais. É próprio desta fase no comportamento ... são coisas que nós observamos neles”.

Para a professora D, o que marca a entrada na adolescência não são as marcas do corpo, evidentes na puberdade, mas os aspectos do comportamento ligados aos desafios aos mais velhos e à emergência da expressão das vontades próprias. O fenômeno da puberdade, de certa maneira, nos acompanha desde o princípio do ser humano. Já sobre a adolescência não se pode dizer a mesma coisa, nem mesmo sobre a importância que a sociedade lhe atribui.

De fato, as formas de representar a adolescência mudam de acordo com as épocas. Até o século XVIII, nas escolas jesuítas, os garotos de 13 a 15 anos de idade eram chamados indistintamente de crianças ou adolescentes, e a noção de limite da infância estava mais ligada à dependência do indivíduo do que à puberdade (Becker,1989). Também da mesma forma, a importância que se dá hoje à adolescência, surgiu recentemente. Há poucos anos, o caminho de ser adulto era muito breve, como narrado pelos mais velhos ou experientes.

Assim, hoje, em algumas culturas, ser jovem pode ser algo prolongado e preservado ao máximo. O adolescente, nesse caso, é exaltado por todas as instituições sociais como escolas, igrejas, partidos políticos, meios de comunicação, entre outros. Com isto a juventude transformou-se, nos dias de hoje, em alvo de um gigantesco mercado de consumo para o anúncio de muitos produtos, sendo alguns criados exclusivamente para este público. Os adultos, de certa maneira, aliciam a juventude

através dos poderosos meios de comunicação, produzindo ídolos e mitos, alienando-os e dirigindo o pensamento e comportamento juvenis de acordo com os seus interesses.

Roberto Havighurst (1972) diz que adolescência está marcada pela junção de dois itens, quer sejam as necessidades dos jovens e as responsabilidades da sociedade. Desta combinação, aparece uma série de tarefas ou responsabilidades próprias da evolução deste período, que devem ser enfrentadas no seu decorrer. Das tarefas ou responsabilidades acima referidas, podemos destacar a aceitação do próprio corpo, resultado das mudanças na puberdade, como também o papel do gênero, estabelecido nas relações mais maduras com os futuros companheiros de ambos os sexos. Acrescenta-se a isso a independência emocional em relação aos pais, o preparo para uma carreira profissional, a vida em família e a busca por uma série de valores que servirão de guia para o seu comportamento na vida adulta.

Fica evidente o querer desses adolescentes, que manifestam muitos desejos, mas que de certa maneira são impedidos pelos adultos. Sabe-se que nesta fase o aluno adolescente quer estar bem em todos os aspectos, como, estar bem apresentado ou bem vestido, pertencer a um bom grupo de amigos, estudar numa boa escola, enfim querer sempre o melhor para ele. Por vezes seus pais não têm possibilidades de lhes oferecer estas condições e o “querer” pode levar a caminhos não muito apropriados. Como discute Santos (2008, p. 109):

Todo jovem carrega uma grande demanda de desejo. Em tudo, ele quer se realizar, mesmo que não saiba ou não reconheça como de dá essa realização.

Devido à grande urgência em se realizar, o adolescente pode usar mal seu tempo, seu corpo, sua vida, identificando-se continuamente com expressões que pareçam responder a esse desejo. Os professores entrevistados apresentaram a representação de que a adolescência é uma fase de desafios em que o indivíduo pode fazer mau uso de sua vida, como no caso da gravidez precoce:

Professora C: Eu, por exemplo, tinha uma menina que estava a criar. Chegou nesta fase da adolescência há 5 anos...achava que era dona... ficou grávida e foi para casa da mãe dela.

De acordo com Santos (2008), devido a essa urgência de se realizar, é importante que os adolescentes encontrem adultos que possam lhe indicar “chaves que

abram o entendimento diante deste mundo complexo, que reduz nossas exigências a aspectos de consumo” (Santos, 2008, p. 109).

Quando as condições sociais e econômicas são precárias, as crianças chegam à adolescência com desvantagens no que diz respeito ao acesso a diversos bens. Muitas vezes, os próprios adolescentes sustentam a sua família ou adquirem a responsabilidade pelas tarefas domésticas (Gime, 2014 *apud* Santos, 2008). Essas condições, entendidas atualmente como de risco psicossocial, podem fazer com que os adolescentes reajam de algumas formas não muito próprias. Assim, o professor E associa o vandalismo à adolescência, estabelecendo uma relação entre esta fase considerada difícil, as condições de vida e os atos de vandalismo.

Por outro lado, é possível perceber também, no mundo contemporâneo, uma demora na incorporação do status de adulto. Pessoas que são física e psicologicamente adultas, ainda continuam sob a dependência de seus pais, sem adentrar o mundo do trabalho. Condições sociais difíceis para a aquisição de trabalho e o prolongamento da escolaridade contribuem para o adiamento da vida adulta.

Friedenberg, citado por Becker (1989) afirma que a adolescência é considerada como um período de autodefinição. Com isto o jovem necessita destacar-se, não só dos seus pais como, de igual modo, da cultura onde viveu ou cresceu, podendo fazer isto de forma isolada, quebrando os elos da dependência. Assim destaca o professor A:

Professor A: O adolescente é jovem... e jovem e pode-se dizer também e... portanto um jovem, também podemos dizer uma pessoa em crescimento, uma pessoa que já atingiu uma fase que está a se sentir pessoa, onde ele vai reconhecer o mundo, podemos dizer também... uma pessoa que já mudou o comportamento da vida em relação a outras fases.

O professor B se refere ao ganho de autonomia do aluno adolescente, associando, como já comentado, a construção da autonomia à fase difícil de muita confusão:

Professor B: para mim...é uma aluna que está na fase da puberdade, adolescente é aquela menina que já vai ganhar maturidade para a fase posterior. Neste caso, adolescente vive aquele complexo, portanto ganhar, ter a responsabilidade, talvez adolescente quer equivaler aos pais...adolescência noutros termos, portanto, fase de muita confusão.

Para Becker (1989), o conflito de adolescente, visto pelos professores como momento de muita confusão é um instrumento pelo qual o sujeito aprende a diferença

entre ele e seu ambiente de forma complexa e sutil. O autor diz que se não tiver oportunidade de experimentar o conflito, a adolescência não ocorre e o sentido da individualidade pode não se desenvolver.

Muito se tem falado sobre a adolescência. Uma pesquisa, publicada na revista **Veja** em maio de 1984, observa um ótimo exemplo da necessidade permanente da sociedade em estereotipar o adolescente, por vezes numa tentativa de exercer o comando sobre o papel que a adolescência desempenha e reforça e enquadrá-lo melhor dentro de um tipo ou característica.

O adolescente, por outro lado, também pode ser estereotipado quando se identifica fortemente ao grupo. O mundo dos adolescentes apresenta-se vasto, diversificado, um universo que permite variedades de opções, tendências e comportamentos. Dúvidas não existem que hoje o mundo dos adolescentes é caracterizado por manifestações de contestação e reivindicação contra o sistema, com expressão de ideias criativas, novos valores e comportamentos.

Nos dias de hoje, estas reivindicações ocupam menos lugar; o adolescente contemporâneo parece não acreditar que algo vai mudar para melhor. Observa-se a tendência a um comportamento mais individual que coletivo. Grande parte dos jovens valoriza o seu trabalho, o casamento e o estudo, e pretendem alcançar muito sucesso nestas áreas. Os jovens de hoje dão muita importância aos relacionamentos com o sexo oposto, em especial com o grupo de amigos, pelos quais se sentem influenciados.

Muitos adolescentes também estão mal informados e orientados em relação a assuntos como cidadania, mercado de emprego, drogas, sexualidade, métodos anticoncepcionais, doenças sexualmente transmissíveis.

A professora C trata a adolescência como uma fase difícil:

O adolescente é muito... aquela fase é muito complicada, mais ou menos fica teimoso, quer mandar em si próprio, quer tomar as suas decisões sem consultar os mais velhos, acha que também é adulto.

Remetendo-se à sua própria experiência, a professora C afirma que também passou por esta fase extremamente complicada para um indivíduo, porque a pessoa não sabe de concreto o que quer. O professor A também expressa a mesma representação da professora C:

Alguém que já cresceu, que atingiu a fase da puberdade, e a partir deste atingimento, desta fase, então ele vai gozar vários desafios.

Momento difícil... comportamento vai mudando. Portanto esta é a maneira que posso caracterizar um adolescente.

O jovem tem um papel fundamental nos processos de mudanças culturais, pois na busca de sua individualidade, ele se confronta com a cultura, critica, questiona, contesta, traz ideias inovadoras, de forma a provocar a autoavaliação nos adultos que, por sua vez, transforma a sociedade. Nesse conflito intergeracional, entretanto, o adulto, ao invés de considerar a novidade que cada indivíduo representa, como discute Santos (2008), pode esperar que o adolescente se identifique com a tradição, reproduzindo exatamente a vida dos pais e comportando-se adequadamente como os mais velhos. Mas é na adolescência que se aprende a escolher mais livremente o que se quer na vida, um aprendizado que jamais acaba. O adolescente, no seu universo de escolhas, muitas vezes pode sentir-se confuso. Todavia, escolher de forma autônoma é um privilégio a ser exercido sempre que for possível.

Diante da possibilidade de escolha e do exercício da autonomia, o adolescente é resistente a permitir se modelar como argila crua que tolera e aceita o constante amassar das mãos adultas, sem se implicar, como faziam as crianças temerosas frente ao perigo da eminente castração simbólica. Os adolescentes estão em outro momento e buscam inscrever suas palavras no mundo adulto. Apesar de sua maior capacidade de autonomia, ele podem não escapar de lidar com os conflitos inerentes ao choque de ideais paternos neles projetados. Mesmo quando tentam seguir os moldes fornecidos, podem estampar ainda mais claramente a frustração de em nada se assemelharem ao que os adultos esperam. Daí uma das fontes dos conflitos intergeracionais discutidos pela literatura sobre adolescência.

A adolescência é abordada a partir de vários enfoques que oferecem detalhes para sua compreensão, sendo grande parte destes enfoques marcados pelo destaque aos conflitos e dificuldades. No entanto, este não é o único ponto de vista existente; um importante enfoque, que se caracteriza pelo contraste a esta visão, é o da antropologia cultural.

Os conhecimentos que temos sobre outras culturas fundamentam-se no campo da antropologia cultural, destacando-se os trabalhos de duas cientistas: Margareth Mead e Ruth Benedict. Para elas o ser humano evolui de um estágio totalmente dependente (o recém-nascido) para a real independência, pois o adulto deve e tem de proteger seus filhos. Tal independência é adquirida de várias maneiras em diferentes culturas.

Em Angola a adolescência também é vivida de forma muito ativa, já que a juventude é a força motriz de qualquer sociedade. No tempo de guerra, eram os jovens que iam para as frentes de combate. Também assumem responsabilidades próprias dos adultos, já que muitos adolescentes sustentam as suas famílias. Nesses casos, a transição entre os papéis de criança e de adulto, que deveria ser gradual, pode se dar mais rapidamente por causa das demandas sociais. Birman (2006), citado por Boaventura Júnior (2012) afirma que pode haver um adiamento da adolescência, em alguns casos. Atualmente, a adolescência que começa mais cedo e acaba mais tarde, nas famílias de baixa renda pode acabar precocemente, visto que os adolescentes começam a trabalhar para ajudar no sustento da casa, e na maioria das vezes abandonam os estudos. Tais adolescentes começam a fase adulta mais cedo, mas ainda não são considerados adultos. Já nas famílias de classe média, a tendência é que os estudos sejam priorizados, fazendo com que a adolescência comece mais cedo e se prolongue por mais tempo. Assim, quando é permitido ao indivíduo fazer uma transição mais gradual, o processo de crescimento é lento e contínuo. A criança se torna adulta paulatinamente, sendo as exigências que lhe são atribuídas não ampliadas de forma abrupta.

Boaventura Júnior (2012) afirma que podemos configurar a adolescência como um fenômeno historicamente determinado e que somente a partir daí ela passa a integrar o discurso de ciências como a psicologia, a pedagogia, a psicanálise, o direito etc. O autor afirma que uma das fortes características da modernidade é a ausência de rituais e tradições de passagem que possibilitem ao sujeito adolescente significar subjetivamente esse momento dramático, que é a transição do universo infantil para o adulto. Desse modo, nas sociedades modernas tornou-se necessário ao jovem adolecer. Mas os rituais e tradições de passagem não estão ausentes em todas as sociedades. Em Angola, existem rituais como: a casa de tinta, *fiko*, circuncisão, *fundulas*⁴, isto é, grandes festas de iniciação de passagem da infância à idade adulta. Pela forma como são consideradas e feitas estas festas populares ou familiares, quando esses rituais acontecem, os adolescentes sabem e sentem que já não são mais crianças.

Margaret Mead (1928) realizou observações em Samoa, na Oceania, quando estudou os fenômenos da adolescência. A pesquisadora chegou à conclusão de que os adolescentes de Samoa que passavam por mudanças fisiológicas que levam da infância

⁴ O termo resume um conjunto de cerimônias tradicionais que têm influência sobre a vida dos adolescentes.

à maturidade, não apresentam nenhum tipo de tensão em especial, de turbulência ou dificuldades. Ao contrário, naquele contexto, Mead (citada por Caritas, 1997), observou que tudo contribuía para uma transição fácil, sem problemas, nem dificuldades, de maneira que a adolescência era uma época agradável e feliz de se viver.

De acordo com Margaret Mead e Ruth Benedict (*apud* Becker, 1985) não há mudanças básicas que aconteçam na adolescência. O grau das responsabilidades cresce, assim como a qualidade e quantidade do trabalho, à medida que as crianças mostram-se mais fortes e maduras. As autoras consideram que esta transição ocorre, de forma geral, na adolescência, sem que tenha qualquer preparação para o assunto. Muitas vezes os adolescentes saíam da casa dos seus pais para formar a sua própria família. Em Samoa, tem-se observado um condicionamento contínuo em relação a esses papéis. Assim, explica-se que uma criança de seis a sete anos seja responsável por cuidar de seus irmãos, sendo, ao mesmo tempo, submissa aos adultos.

Em algumas sociedades o adolescente é tratado como assexuado, em contraposição aos adultos, sendo ocultada à criança a possibilidade de ter acesso às informações acerca do ciclo vital do homem e da mulher. Nos dias de hoje ainda se fala do sexo como algo considerado sujo e feio para as crianças, sendo reprimidas as experiências eróticas da infância, enfatizando que o padrão valorizado é a virgindade até o casamento.

Já em Samoa, as crianças têm a possibilidade de assistirem um parto, ou mesmo uma morte. Também já vislumbram as relações sexuais, pois não se reprime a vida sexual, considerada natural e agradável. Para as pesquisadoras, em Samoa não existe a chamada crise da adolescência. Deste modo, na comparação com outras sociedades, compreendemos que as dificuldades dos adolescentes podem ser ultrapassadas e resolvidas de diversas maneiras, ou podem mesmo não existir.

As questões culturais são diferentes em cada sociedade. Nesse sentido, cabe considerar que não existe o padrão de uma adolescência ideal, cada sociedade expressando valores culturais distintos. Porém, em alguns aspectos, as experiências adolescentes em Angola e Samoa se assemelham. Geralmente os filhos ou filhas mais velhas tomam conta dos seus irmãos mais novos, tendo esta atividade como uma das suas responsabilidades. Aquilo que for orientado pelos mais velhos é cumprido na íntegra, sendo tais experiências partilhadas por quase todos os adolescentes angolanos.

Por vezes é necessário compreender o adolescente, tanto na parte do desenvolvimento pessoal, como também na sua relação com o mundo. Precisamos olhar

para este indivíduo a partir de uma perspectiva mais ampla, que incluía não somente as transformações biológicas e psicológicas fundamentais, como o contexto econômico, social, histórico e cultural no qual o aluno adolescente está inserido.

O psicólogo John C. Colman (1980) fez uma grande revisão da literatura sobre a adolescência, chegando à conclusão de que os dados que possuía não permitiam manter a ideia de que a adolescência é caracterizada como uma época de estresse e tensões. Segundo o autor, o fato de muitos psiquiatras e alguns psicanalistas basearem suas teorias em dados vindos de suas consultas, a partir de pacientes com problemas, não representativos da maioria da população, poderia explicar a produção de uma visão negativa e totalmente distorcida sobre a adolescência. Por outro lado, a necessidade de considerar que alguns comportamentos desajustados dos adolescentes, como algumas dependências de uso de drogas, delinquência ou mesmo vandalismo, são assuntos ameaçadores para os adultos e que se repercute muito nos meios de comunicação social.

3.3. O que os professores sabem sobre a adolescência: os primeiros contatos com o tema, onde estudaram e onde buscam informações.

Os professores da Escola Sagrada Esperança de Cabinda, quando questionados sobre o que haviam estudado sobre alunos adolescentes e onde buscam informações, responderam que haviam aprendido sobre a adolescência com suas próprias experiências e com saberes adquiridos por meio da família, da escola, da igreja e da rua, ou seja, da sociedade em geral.

Quando perguntamos qual foi a primeira vez que tiveram contato com o conceito, os professores falaram de sua própria experiência.

Professor A: O primeiro contato foi, principalmente, quando, devido ao nosso passado de guerra no país, comecei a fugir da rusga. Depois quando comecei a me sentir homem, sentir várias vontades... a querer vestir bem, a querer ter vontade de desafiar o mundo. Certas vezes os pais falavam e eu não estava nem aí e comecei a me sentir pessoa. Quando dei por mim estava na fase da adolescência.

O professor B também entendeu o que era a adolescência a partir de sua experiência familiar e de docência. Relata o momento em que sua irmã atinge esta fase, fazendo com que ele compreendesse a forma como a adolescência se apresenta:

Professor B: eu começava a compreender que era uma fase de muitos problemas. E também quando comecei a trabalhar como professor, trabalhei com alunos adolescentes, desde o ano de 2010, e já pude notar, de fato, situações que estes adolescentes vivem. Eu também, pessoalmente, passei nesta fase... e que é uma fase complicada, que deixa os encarregados aflitos.

Para esses professores, a adolescência foi vista como difícil e conflituosa, momento em que os acontecimentos vividos podem se tornar um problema. Os problemas parecem estar associados à representação de que adolescentes que não tiveram construídas, em anos anteriores, competências e habilidades necessárias para enfrentarem seus próprios desafios, podem não realizar uma transição tranquila. Essa ideia fica bem representada nas palavras da Professora C, anteriormente citada, sobre sua sobrinha que engravida aos quinze anos. Por não ter um contexto familiar caracterizado por afeto e comunicação, a adolescente se viu obrigada a assumir responsabilidades devidas a uma gravidez não planejada. Assim, foi preciso abandonar os estudos e realizar uma rápida transição para a vida adulta, ao tornar-se mãe. Deste modo, contextos específicos podem não facilitar a transição para o mundo adulto. Os professores pesquisados temem a ocorrência dessas circunstâncias na adolescência.

O professor A afirma que o adolescente é sempre notável devido à sua irreverência, própria desta fase. Tal irreverência, inclusive diante dos costumes tradicionais, faz com que os adolescentes deem importância a “práticas desnecessárias” que em nada se relacionam com os hábitos e costumes dos angolanos. As televisões internacionais fazem parte dessas práticas, que ele chama de importação de aventuras desnecessárias.

A partir dessas representações, os professores refletem sobre sua função como adultos diante dos alunos adolescentes. Assim, a professora D afirma ser importante que os professores e encarregados de educação participem de forma ativa da vida de seus alunos ou filhos. O mais importante, segundo a professora, é participar ativamente das escolhas feitas pelos alunos, ajudando-os a se constituírem como adultos e como parte integrante da sociedade.

O professor E expressa a importância de ter sido guiado pelos adultos em sua experiência adolescente:

Professor E: O primeiro contato com o conceito de adolescente foi quando eu tinha os meus 18, 19, 20 anos de idade, porque fui assumido pelos meus pais. Desde que eu era levado pelos meus pais, aprendi a obedecer aquilo que os meus pais me orientavam e os meus

professores... Até que eu fui tentando amadurecer, neste momento que me encontro hoje.

Os trechos das redações dos professores, apresentados a seguir, demonstram as representações sobre adolescentes e alguns direcionamentos que suas práticas podem sofrer diante destas representações:

Professor A:

O adolescente é um ser humano entre a fase de puberdade para a fase adulta.

Na realidade atual, a fase da adolescência compreende a faixa etária dos 12 a 17 anos. É uma etapa difícil por causa da inocência do adolescente ao surgimento do crescimento de alguns órgãos do corpo humano e à mudança de certos comportamentos e atitudes na convivência do adolescente. É o momento que o adolescente inicia a descobrir-se a si mesmo e socialmente, a sentir-se importante, útil e valorizado. No desenvolvimento dos diversos órgãos corporais surge uma agitação psíquica e posteriormente estabiliza-se. É um bom período ou fase estudantil visto que o adolescente ainda tem dependência dos pais ou encarregados.

Professor B:

A adolescência é uma fase de transição, de transformações físicas e psicológicas. É um período difícil para os jovens e para os pais. É um processo no qual o indivíduo está a sair da infância para a fase adulta. Nessa fase, acontecem muitas comparações entre si. Os sentimentos estão aflorados e o jovem oscila seu comportamento; pois que é uma fase de muitos questionamentos.

Os nossos jovens estão hoje muito abertos, mais informados. Porém estão mais violentos, sem limites, sem valores. Eles quase gritam por um referencial, quando buscam cada vez mais quebrar todos os limites sociais.

Professora D:

Redação sobre aluno adolescente na sala de aula: como se comporta.

Falamos do nível de escolaridade dos alunos, ou seja, aluno adolescente, é sabido que é muito difícil enfrentá-lo, visto que é uma fase da puberdade em que o mesmo tem vindo a comportar-se mal. Por que isto? Porque já começa a encarar a vida, pensando que já está na altura de fazer-se de adulto ou como jovem.

É daí que o professor (a) deverá conhecer o caráter e a sua forma de ser.

Para com esses alunos o (a) professor (a) deverá expor os conteúdos em estudos, ao quadro para despertar a sua curiosidade, deixando-os conviver entre colegas na sala de aula, de uma forma disciplinada, sem eles fugirem do tema a ser tratada. Visto que eles já tiveram alguns

conhecimentos nas classe anteriores.

Este aluno (os), dependendo da sua idade, precisa muita atenção nas aulas. A professora deve ser conselheira, mãe, amiga deste.

Também digo que nem todos conseguem manterem-se quietos. Uns, pelo medo de errar, não expressam o seu sentimento, naquilo que é saber. Outros são espontâneos. Alguns não conseguem expressar-se uns com os outros. É nesta óptica que eu, como professora deste aluno, sinto-me responsável na formação intelectual, moral e cívica deste.

Para tal nunca trabalhar isoladamente, não pondo de parte a família\encarregados de educação, para melhor conhecer as disciplinas dos mesmos (as).

Nesses textos, o Professor A, partindo do pressuposto de que a adolescência é uma fase de agitação em que acontecem muitas descobertas, qualifica a vida escolar dos adolescentes como um período em que há a necessidade de acompanhamento do adulto. A Professora D, por seu turno, também partindo da ideia da adolescência como um período de agitação, em que os alunos não conseguem ficar quietos, afirma a importância de o professor utilizar métodos que levem em consideração as especificidades dos alunos desta idade. Nos dois textos, assim como em inúmeros trechos colocados neste capítulo, vemos a importância atribuída ao papel do adulto educador como guia dos adolescentes.

Devido ao valor do adulto para os adolescentes é que a professora D afirma a importância de o professor conhecer o caráter e a forma de ser deste aluno adolescente. O conhecimento sobre o aluno ajuda na orientação, responsabilidade do professor.

A professora D, na redação, comenta ser difícil enfrentar alunos adolescentes. Embates podem acontecer nessa relação, quando a sala de aula é vista como um campo de batalha. Por vezes, os professores demonstram temer seus alunos, já que são determinados pela representação de que adolescentes são difíceis, agitados e questionadores. Diante disso, a Professora D valoriza os métodos empregados na sala de aula, por exemplo, a exposição dos conteúdos em estudo no quadro, para despertar a curiosidade e permitir a convivência entre colegas na sala de aula. Ressalva, porém, a necessidade da manutenção da disciplina para que eles não fujam dos assuntos tratados. Leituras coletivas, por exemplo, podem ser ótimas e contribuir para a aprendizagem significativa dos alunos. Métodos diferenciados incentivam os adolescentes e demonstram a predisposição do professor em acolhê-los.

A professora D tem uma forma característica de orientar seus alunos, apresentando-se como uma mãe preocupada com seus filhos ou como uma conselheira. Se os alunos faltam às aulas, ela procura saber os motivos. Estas características são comuns nos professores angolanos, considerados como um membro da família.

A professora finaliza seu texto afirmando a importância de o professor considerar a família ou os encarregados de educação, para melhor conhecer as dificuldades do seu educando. A parceria entre professores e família é vista como ideal para orientar os jovens a trilharem caminhos adequados.

O professor B, cuja representação da adolescência é de que ela pode ser tanto um período de conquistas como uma fase difícil, acredita que, em sua prática, deve considerar o aluno e mostrar seriedade a esses adolescentes. Essa forma de agir, na concepção do professor, contribui para prevenir problemas que podem causar sucessivos males na vida futura.

Quanto à organização das práticas pedagógicas com os alunos adolescentes, o professor A respondeu que trabalha com os seus alunos oferecendo atividades em grupos e individuais. Leva em conta também os programas e as planificações escolares elaboradas para as escolas de base em Angola. Estas escolas seguem uma planificação para que as matérias sejam uniformes.

Já a professora D relata que, durante suas aulas, cada aluno tem um momento próprio para trabalhos individuais. Nesse momento, ela busca dialogar e oferecer apoios morais e psicológicos aos seus alunos. Palavras como facilitação, compreensão e organização dos conteúdos são recorrentes no discurso destes professores. Estes termos são citados quando os professores colocam a importância de transmitir os conhecimentos aos seus alunos, a fim de que eles possam assimilar os conteúdos escolares.

O professor B acredita que todo trabalho requer primeiro identificar a sua dimensão, para depois desenvolvê-lo com clareza. Assim, os conteúdos, independentemente da sua dimensão, devem ser transmitidos de forma clara a fim de facilitar a aprendizagem, pois nem todos aprendem ao mesmo tempo. As aulas devem ser simples, abertas ao diálogo, estimulando o interesse do aluno, de modo que este possa desenvolver seu psiquismo de forma autônoma, mas por meio da ajuda do professor. Neste sentido, para o professor B, os mestres são os grandes orientadores dos seus alunos adolescentes, pois o sucesso das aulas depende principalmente dos

docentes. Este professor evidencia as diferenças individuais e o nível de aprendizagem dos alunos como fatores de valor para que o trabalho docente seja bem desenvolvido.

A professora D também afirma levar em conta o nível de aprendizagem dos alunos, mas relata organizar suas aulas de modo a ensinar aos alunos como cada um poderá assumir responsabilidades na sociedade, na família, bem como nas suas vidas.

O professor E se preocupa com o processo de ensino/aprendizado, focalizando a “assimilação dos alunos”, ou seja, a aprendizagem. Para ele, os alunos aprendem com mais facilidades quando as matérias das aulas se relacionam com a realidade vivida, como uma notícia dada pela televisão ou algo do conhecimento público que esteja acontecendo no momento.

O professor A utiliza, em suas aulas, metodologias que facilitem, aos adolescentes, a prática da convivência global. As metodologias capazes de facilitar o aprendizado são aquelas que unem os conteúdos programáticos aos acontecimentos do dia-a-dia. Assim, os professores A e E acreditam na importância de propiciar esses conteúdos aos alunos, ao lecionarem suas aulas.

Quanto à origem de seus conhecimentos sobre a adolescência, os professores evocam o senso comum, explicando que, nas famílias, existe sempre um membro mais velho que transmite os saberes aos outros. Também a igreja é vista como um contexto de construção de conhecimentos mais sólidos e firmes. De fato, em Angola, as autoridades tradicionais ou os mais velhos, anciões, têm muita importância e influência na transmissão dos saberes e na decisão de muitas circunstâncias que envolvem famílias e grupos sociais. Além desses contextos, os professores afirmam também que aprendem sobre a adolescência a partir de informações buscadas “na rua, e na praça”, isto é, nas trocas e diálogos informais que acontecem no dia-a-dia.

A professora D relata que as informações sobre adolescência são também obtidas através de manuais usados na escola, livros na biblioteca e conversando com os colegas de serviço e os da universidade. A Professora D diz que, pelo conhecimento que recebeu na formação escolar, aprendeu que estes alunos têm problemas sociais, muitas vezes decorrentes da falta de apoio dos encarregados de educação e da própria vida de libertinagem. Diante desses adolescentes que resistem às normas dos adultos, os professores buscam auxílio em pessoas experientes, que já passaram por essa fase e educaram adolescentes. Novamente, as pessoas mais velhas são evocadas como fonte de construção de saberes sobre as relações entre adultos e adolescentes, como revela a fala de um dos professores:

Eu tenho um menino... está difícil para ele conseguir ficar ciente em casa... ele não nos ouve. Então nós recebemos apoio através das amizades, dos mais velhos... E eles transmitem segurança dizendo que é próprio desta idade. [Eles nos dizem que] isto passa. Então nós vamos fazendo isso”.

Segundo os professores, conforme o tempo vai passando, a experiência dos mais velhos os alcança e vão conseguindo lidar melhor com os alunos adolescentes, assim como com os filhos. Assim, vão construindo métodos próprios de intervir junto aos alunos.

A Professora D diz que a disciplina de Psicologia diferencial, aprendida nos cursos de formação de professor, ofereceu informações sobre as diferentes idades, fornecendo formas de compreender as ações dos adolescentes e contribuindo para construir sua experiência docente.

A professora C afirma buscar informações sobre a adolescência nos debates que acompanha na televisão, no rádio, nos jornais e na sociedade em geral. Segundo a professora, debates como esses têm sido comuns na televisão nacional, trazendo novos conhecimentos sobre o adolescente ou a adolescência.

O professor B também relata, na sua entrevista, que busca informações no “dia a dia”, pois na sociedade esta fase tem sido abordada, enfocando o que fazer e a maneira de prevenir os problemas a ela relacionados.

De forma geral, os professores demonstraram a necessidade de compreender o aluno adolescente, enfatizando que o papel do docente não se resume à formação intelectual do educando, mas deve focar também a formação moral, de modo a contribuir para moldar comportamentos na fase adolescente. É preciso, segundo os professores da pesquisa, conversar e explicar aos alunos como devem se comportar no seio da sociedade, bem como preconizar uma boa forma de proceder com um adolescente, visto ser uma fase muito complicada.

CONCLUSÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objeto de estudo as representações dos professores da Escola Sagrada Esperança, em Cabinda, sobre alunos adolescentes. Em Angola, o professor é uma figura importante e respeitada pelas famílias. Estas acreditam que o professor ajuda na formação do caráter do seu educando, conduzindo-o a primar por uma conduta mais séria e responsável. Dai a justificativa desta pesquisa que investigou que representações os professores têm sobre a adolescência e como pensam sua atuação docente junto aos seus alunos. Verificamos que as formas como docentes agem com seus alunos e como pensam suas interações com eles, estão relacionadas às representações que eles fazem sobre o que é ser um adolescente.

Nas representações encontradas em nossa pesquisa, os saberes tradicionais (percebidos pela língua Ibinda) parecem ser uma possível fonte para a construção de representações sobre a adolescência. A partir do dialeto de origem, todos os professores afirmaram significados sobre o filho que cresceu ou está em fase de crescimento. Na língua Ibinda, vemos que a criança que está em fase de crescer para se tornar adulto é visto a partir do comportamento irrequieto e pela emergência da sexualidade, como no caso da filha e filho que já namoram.

As entrevistas, questionários e redações, além dos saberes tradicionais, evidenciam a representação de adolescência como uma fase difícil, acompanhada de transformações psíquicas relacionadas à agitação, descoberta de si, sentimentos aflorados, entre outros aspectos. Em oposição a essa fase difícil, a adolescência é entendida também como um bom período, já que nesse momento, os indivíduos estão mais abertos para o mundo e são capazes de mais “assimilação” o que, para os sujeitos da pesquisa, incide como facilitador para a aprendizagem dos conteúdos escolares, caso eles sejam bem apresentados e favorecidos pelo docente. Assim, no discurso dos professores, a adolescência também pode ser considerada uma fase de fácil trânsito, se for bem compreendida e explicada para os próprios adolescentes. Ao conversarem e ouvirem os adultos, os adolescentes entenderão que este é um momento que vai passar, sendo necessário passar por ele para se tornar adulto. Nesse sentido, a representação de adolescência é semelhante à palavra Muana Ukonzukua, que expressa a fase de crescimento para a vida adulta como um adoecimento passageiro que passará conforme se atinge a vida adulta.

Os professores evocaram suas próprias experiências ao relatarem o momento em que começaram a entender o que é a adolescência. No centro dessa experiência, está o questionamento à autoridade dos adultos. Além da própria adolescência, os professores acreditam terem entendido o que é a adolescência quando começaram a lecionar para alunos que se encontram nesta fase.

Quanto à origem dos conhecimentos sobre a adolescência, a formação acadêmica e os cursos de formação de professores são apontados como fonte de construção de saberes, assim como os programas de televisão. Aparecem também como importantes contextos de construção de saberes, o relacionamento com os mais velhos e a “rua”, isto é, informações do senso comum construídas a partir das relações vivenciadas no dia-a-dia. As instituições família, Igreja e a própria escola onde trabalham são apontadas como lugares que ajudam a compreender a fase adolescente.

Os professores pesquisados, ao relatarem sobre suas formas de trabalhar com os alunos adolescentes, apontam algumas práticas específicas. Consideram a necessidade de compreender o adolescente levando em conta seu nível de aprendizagem. A partir daí, elaboram maneiras de organizar os conteúdos escolares, valorizando a realidade e a experiência de seus educandos. Além dos conteúdos escolares, os professores relatam que os valores éticos e morais também são conteúdos importantes a serem ensinados pela escola. Assim, os professores têm um papel fundamental na transmissão de conteúdos, mas também como modelos com os quais os alunos devem se identificar e seguir. Nesse sentido, é muito importante que o professor seja também um conselheiro e amigo.

Os professores expressam o quanto valorizam os mais velhos como fonte confiável para a construção de seus saberes sobre o mundo. Da mesma forma como se espelham nos mais velhos, acreditam que os alunos adolescentes devem ter o professor como um guia e conselheiro capaz de orientá-los para evitar problemas futuros.

A pedagogia aplicada pelos professores é marcada pelos trabalhos coletivos, pois acreditam na importância de os alunos se comunicarem nesta fase da vida. Tentam permitir que os alunos apresentem as dificuldades encontradas no decorrer das aulas, pois o diálogo é uma forma de aproximação com os adolescentes que, ao crescer, começam a questionar os adultos. Dessa forma, buscam conversar com os alunos, explicando-lhes como devem proceder no meio da sociedade, uma vez que a fase vivida por eles é vista como complicada. Por ser uma fase difícil e complicada, é importante,

na representação dos professores, que as aulas contemplem também o apoio psicológico aos alunos.

Na pesquisa aqui realizada, encontramos dados e informações que acreditamos que possam se constituir em questões de pesquisa para outras investigações. Os dados sobre a existência de palavras utilizadas, no dialeto tradicional, para apontar o filho ou a filha que estão crescendo poderia ser um tema interessante de pesquisa a ser aprofundado. De que modo as representações sobre adolescência podem estar ancoradas nos saberes tradicionais? Eis uma questão que este trabalho não conseguiu aprofundar, embora tenha sido possível apontar a existência de diversos significados relacionados à adolescência nos dialetos tradicionais da região de Cabinda, em Angola. Outra possibilidade de pesquisa suscitada por esse trabalho seria inverter o tema e investigar que representação os adolescentes fazem do professor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 8ª edição. São Paulo: Cortez. 2011.

ANDRÉ, Marly E. D. A.; LÜDKE, Menga. **Pesquisas em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

Antunes-Rocha, Maria Isabel. **Da cor da terra: representações sociais de professores sobre os alunos no contexto da luta pela terra**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

ASSIS, Raquel Martins. A pessoa e a tradição. Em: CAPITANIO, Giorgio; OLIVEIRA, Neófito. **O risco de educar**. 1ª Edição. Belo Horizonte: Editora AVSI, 2008.

ASSUNÇÃO, Cristiane Queiroz Sousa. **As representações dos corpos infantis, modernos na revista pais e filhos**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Faculdade de Educação. 2010.

BAMBI, Ana Esperança Futi e SANTOS, Celsa Mércia Hinaundipula. **Reflexão sobre posicionamento do professor face ao aluno adolescente**. Trabalho de conclusão do curso. Instituto Superior de Ciências da Educação, Universidade Agostinho Neto. 2007.

BAMBI, Ana Esperança Futi. **Um estudo sobre as representações dos pais e encarregados de educação do Colégio Padre Builu em Cabinda/Angola – Relação família escola**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Faculdade de Educação/UFMG, 2014

BECKER, Daniel. **O que é adolescência**. 7ª edição. São Paulo: Brasiliense. 1985.

BOAVENTURA JUNIOR, Márcio. Puberdade Adolescência e Psicanálise. In: PEREIRA, Marcelo. **A Psicanálise Escuta a Educação - 10 Anos Depois**. Belo Horizonte: FTD, 2012.

CANHICI, Maria Helena. **Estudo sistemático de monografias dos finalistas do ISCED – Cabinda, sobre as dificuldades de aprendizagem (2006-2011)**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Faculdade de Educação/UFMG. 2014

CARITA, Ana. Professores do 3.º Ciclo e Ensino Secundário: a sua representação do aluno. **Análise Psicológica**. Lisboa, nº4 (XV), p. 541-562. Dez. 1997.

CASAL, João; FRAGOSO, Almas; Francisca M. Rocha. **Representações sociais dos educadores de Infância e a Inclusão de Alunos com necessidades educativas Especiais**. Relato da pesquisa. nº 3. Páginas 527 - 546. Julho - Setembro 2012.

CLOUTIER, Richard; DRAPEAU, Sylvie. **Psicologia da adolescência**. 3ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2008.

COLL, César et all. **Desenvolvimento Psicológico e Educação**. 2ª Edição. Porto Alegre: Artmed, 2004. Tradução: Daisy Morais de Vaz.

DAYRELL, Juarez. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**. Belo Horizonte, V. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007.

KNOBEL, Michele; LANKSHERAR, Golin. **Pesquisa pedagógica: do projeto à implementação.** Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Artmed, 2008.

LIPP, Marilda. **O Adolescente e seus Dilemas.** Campinas: Papirus, 2010.

MARTINS, Priscila de Oliveira; TRIDADE, Zeidi Araújo. O Ter e o Ser Representações Sociais da Adolescência entre Adolescentes de Inserção Urbana e Rural. **Psicologia: reflexão e crítica.** Espírito Santo, 2003.

MOSCOVICI, Serge. **A psicanálise, sua imagem e seu público.** 7ª Edição. São Paulo: Vozes, 2012.

PAPALIA, Diane et all.. **Desenvolvimento humano.** Porto Alegre: AMGH, 2009.

SANTOS, José Eduardo. Como levar a sério o desejo dos jovens? Em: CAPITANIO, Giorgio; OLIVEIRA, Neófita. **O risco de educar.** 1ª Edição. Belo Horizonte: AVSI, 2008.

SILVA, Gilmar Moura. **Autoridade Docente e Vinculo Educativo Contemporâneo.** Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Faculdade de Educação/UFMG, 2011.

TACCA, Maria Carmen Vilela Rosa. **Aprendizagem e trabalho pedagógico.** 2ª Edição. São Paulo: Alínea, 2008.